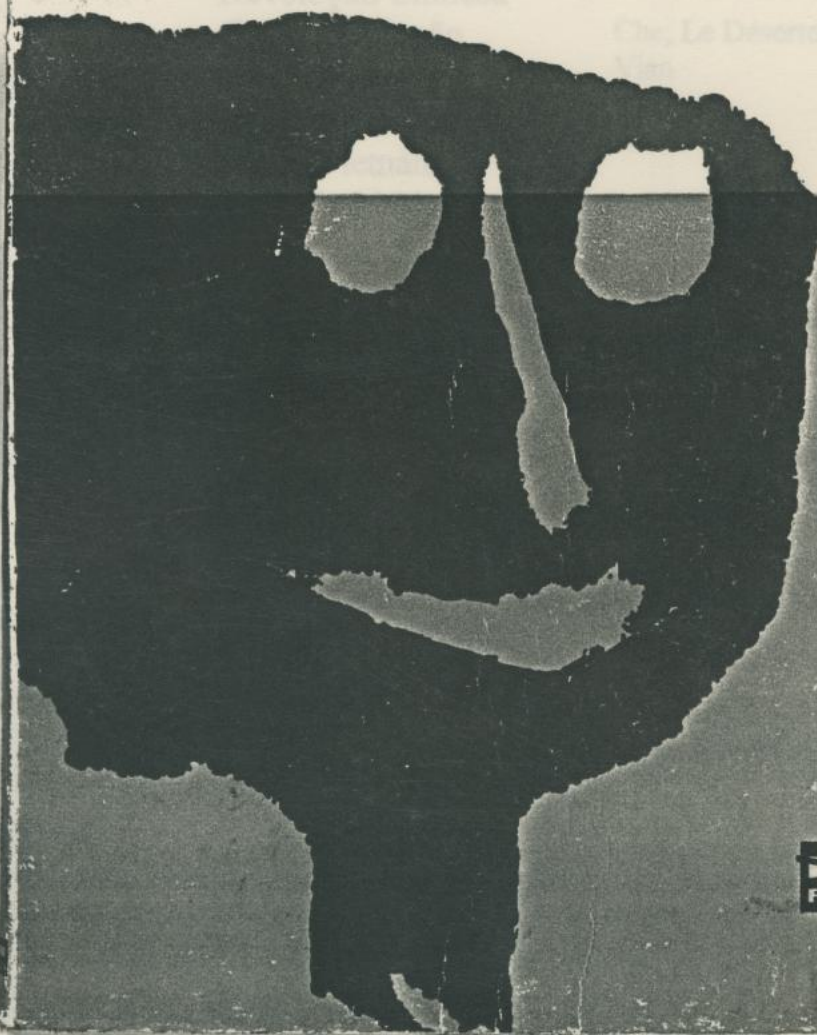


# repertório para um teatro actual

liberdade, liberdade

luiz francisco rebello, luís de lima e holder costa

# 12



  
PRELO

*Sugestões, ideias*Acontecimentos

Revolução Francesa  
Comuna de Paris  
Revolução Russa

impactos internacionais:  
Bandiera Rossa (Gramsci,  
preso nas cadeias de  
Mussolini); Rosa,  
assassinada com o apoio dos  
social-democratas

I Guerra Mundial  
Guerra de Espanha  
II Guerra Mundial  
Revolução Chinesa  
Cuba, revolução  
argelina  
Maio de 68/  
Praga/Vietnam  
Abril de 1974

canções republicanas

Che; Le Déserteur, Boris  
Vian

Temas

Escravos  
Mulheres  
Juventude  
Amores  
Timor  
guerras recentes  
figuras centrais da  
cultura (Zeca, Adriano,  
Mário Dionísio- textos,  
pintura)  
Vidas quotidianas

soul, blues?  
Teresa Torga, Zeca

(filmes do Jacques Tati?;  
Chaplin na fábrica?)

Pode-se considerar

: convites para complementos de estilos diferentes (ópera, rap, rock...)

: e outros suportes sonoros (declarações de políticos, frases  
conhecidas, sons de músicas "do outro lado", fadunchos situacionistas,  
músicas militares, hinos, etc.)

musical militars, hinos, etc.)  
 : e outros suportes sonoros (declarações de políticos, frases  
 conhecidas, sons de músicas "do outro lado", fadunchos situacionistas,  
 : convites para complementos de estilos diferentes (ópera, rap, rock...)  
 Pode-se considerar

Vidas quotidianas  
 (pintura)  
 Mário Dionísio-textos,  
 cultura (Zeca, Adriano,  
 figuras centrais da  
 guerras recentes  
 Timor  
 Amores  
 Juventude  
 Mulheres  
 Escravos  
 Escravos  
 soul, blues?  
 Teresa Torga, Zeca

Temas

Abri de 1974  
 Praga/Vietnam  
 Maio de 68/  
 argelins  
 Cuba, revolução  
 Revolução Chinesa  
 II Guerra Mundial  
 Guerra de Espanha  
 I Guerra Mundial

canções republicanas  
 social-democratas  
 assassinada com o apoio dos  
 Mussolini; Rosa,  
 preso nas cadeias de  
 Bandiera Rosa (Gramsci,  
 impactos internacionais:  
 Revolução Russa  
 Comuna de Paris  
 Revolução Francesa

Acontecimentos

Sugestões, ideias

Liberdade, Liberdade

VOLUMES PUBLICADOS NESTA COLECÇÃO:

- 1 — OS CAES  
de Tone Brulin
- 2 — DENTE POR DENTE  
de William Shakespeare
- 3 — A CARTA PERDIDA  
de Ion Luca Caragiale
- 4 — GUILHERME TELL TEM OS OLHOS TRISTES  
de Alfonso Sastre
- 5 — TRÊS PEÇAS NUM ACTO  
de Avelino Cunhal
- 6 — FELIZ ANIVERSÁRIO  
de Harold Pinter
- 7 — PEQUENOS BURGUESES  
de Máximo Gorki
- 8 — A MÁQUINA DE NAUFRAGAR  
de Carlos Manuel Rodrigues  
ESTRANGULADOS ASSUMIMOS A VIDA  
de José A. Goulão Rodrigues  
A VIAGEM  
de Armando de Pina Mendes
- 9 — A MÃE  
de Stanislas Witkiewicz
- 10 — JOÃO PALMIERI  
de António Larreta
- 11 — O CONCERTO DE SANTO OVIDIO  
de António Buero Vallejo

capa de  
MIGUEL FLÁVIO

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa por  
PRELO EDITORA, S. A. R. L.  
Rua da Misericórdia, 67, 2.º-Esq. — Telef. 37 06 91  
LISBOA

## LIBERDADE, LIBERDADE

de  
LUIZ FRANCISCO REBELLO, LUÍS DE LIMA

e HELDER COSTA

com a colaboração musical de

JOSÉ MÁRIO BRANCO

baseado no roteiro de espectáculo de

FLÁVIO RANGEL e MILLÓR FERNANDES

**BRASIL 65 / PORTUGAL 74**

Mas o teatro não existe fora da cidade. E só se justifica quando (e na medida em que) corresponde ao apelo dos que nela habitam e dá testemunho das suas alegrias e das suas cóleras, das suas certezas e incertezas, das suas queixas e das suas esperan-

ças. Por outras palavras, o teatro não existe fora do tempo.

E o tempo português de 1974 não é — felizmente — o tempo brasileiro de 1965.

O espectáculo concebido pelos dois autores brasileiros poderia, hoje ainda, representar-se no seu país exactamente como há nove anos o imaginaram. Não já assim em Portugal, onde graças ao triunfo do Movimento das Forças Armadas floriu de novo o cravo vermelho da Liberdade. Não teria por isso sentido reclamá-la ou protestar contra o seu estrangulamento — nessa parte a proposta brasileira acha-se entre nós ultrapassada —, mas sim denunciar as suas contrafacções e, sobretudo, alertar para os perigos que a ameaçam e podem conduzir à sua destruição. Porque a reacção não desarma facilmente (é a lição da História que temos a obrigação de não esquecer) e não recua diante de coisa nenhuma, por mais hedionda que seja, para vencer o inimigo que mais teme: a Liberdade, única via possível para uma sociedade justa em que o homem não mais seja explorado pelo homem.

Sobre este aspecto colocámos a tónica dominante do nosso espectáculo. Aproveitando o esquema básico da peça brasileira, e alguns dos textos nela incluídos, desviámos-lhe o eixo de uma reivindicação de liberdade para a necessidade da sua consolidação, aqui e agora. Daí a substituição da maior parte dos poemas e canções, das sentenças, frases e discursos citados, e a introdução de novas cenas e epi-

sódios, como por exemplo um «acto» do Teatro Campesino, o debate na Assembleia Nacional sobre o «caso da capela do Rato», a evocação do movimento de libertação das colónias portuguesas, as cenas alusivas à tomada da Bastilha, à Comuna de Paris e à Revolução de Outubro, o processo movido contra Aquilino Ribeiro, o episódio final sobre o Chile. A encenação de Luís de Lima, a colaboração de Helder Costa como dramaturgista e de José Mário Branco como organizador da estrutura musical do espectáculo, garantiram-lhe a essencial unidade, não só estética mas ainda ideológica.

No grande e necessário processo em curso de consciencialização do povo português, de aprendizagem da Democracia, de construção do Socialismo, é este o nosso contributo de homens de teatro e cidadãos, a nossa proposta de diálogo com o povo do nosso País, agora finalmente dono do seu destino. Esperemos (e por isso lutaremos) que para sempre.

LUIZ FRANCISCO REBELLO

direcção musical de  
JOSE MARIO BRANCO e FAUSTO

dispositivo cénico  
MARIO ALBERTO

MÁRIO ALBERTO

dispositivo cénico  
MÁRIO ALBERTO

MÁRIO VIRETO  
direção geral

JOSE MÁRIO RIVERO e PAULO  
direção artística

ELIENOR  
MÁRIO JOÃO REGIO  
CARLOS PATRÍCIO  
JOÃO FERREIRA  
como atores

CARLOS CALVAGNEIRO  
como cantor

JOÃO LEIVA  
MÁRIO DO CEN QUERNA  
(duo e quito e susseção)

LUIS DE LIMA  
para interpretação como actores

em 25 de Agosto de 1914  
apresenta-se em Lisboa no Teatro Alfama  
A primeira apresentação de "O Fim da Liberdade"

Canções de José Afonso, Fernando Lopes-Graça,  
Rui de Noya, Paul Robeson, George Gershwin,  
Luis Tasso, Augustus Pader, Victor Jara, além de  
muitos outros e várias outras, bem e muitas  
canções, com destaque para as canções de  
José Afonso, (muito de autoria própria).

Os autores deste espectáculo agradecem a colabo-  
ração, voluntária ou involuntária, prestada por to-  
dos aqueles que o tornaram possível: actores, mú-  
sicos e técnicos do palco; defensores, vítimas e  
mártires da Liberdade; seus detractores, inimigos  
e tiranos; e, bem entendido, os autores dos poemas,  
cenas teatrais e canções nele incluídas, cujos nomes  
a seguir se mencionam, pedindo desde já desculpa  
pelas prováveis omissões:

Outras fontes históricas foram utilizadas para os  
vários discursos, citações e episódios autênticos  
reproduzidos ou evocados no texto do espectáculo.

Finalmente, os autores agradecem ao Movimento  
das Forças Armadas ter libertado Portugal do fas-  
cismo e restaurado a liberdade de expressão e de  
pensamento, sem o que este espectáculo não seria  
possível.

Os autores deste espectáculo agradecem a colabo-  
ração, voluntária ou involuntária, prestada por to-  
dos aqueles que o tornaram possível: actores, mú-  
sicos e técnicos do palco; defensores, vítimas e  
mártires da Liberdade; seus detractores, inimigos  
e tiranos; e, bem entendido, os autores dos poemas,  
cenas teatrais e canções nele incluídas, cujos nomes  
a seguir se mencionam, pedindo desde já desculpa  
pelas prováveis omissões:

Aqui Rádio Renascença. Vamos dar início a um  
novo Poemas de Ruy Cinatti, Miguel Torga, Bertolt  
Brecht, Ascenço Ferreira, Vinicius de Moraes, Ale-  
xandre O'Neill, Carlos de Oliveira, Langston Hughes,  
Joracy Camargo, Agostinho Neto, António Jacinto,  
Manuel Alegre, Rafael Alberti, Manuel Bandeira, Paul  
Éluard e Carlos Drummond de Andrade.

Cenas teatrais extraídas e adaptadas de Shakes-  
peare (*Júlio César*), Teatro Campesino (*As Duas Ca-  
ras do Patrão*), Beaumarchais (*Bodas de Fígaro*), Tea-  
tro do Sol (1789), Büchner (*A Morte de Danton*),  
Brecht (*O Denunciante*).

Canções de José Afonso, Fernando Lopes-Graça, Rouget de l'Isle, Paul Robeson, George Gershwin, Heckel Tavares, Eugène Pottier, Victor Jara, além de várias canções e temas populares, hinos e marchas (escolhidos, como facilmente se verificará sem descriminação política de qualquer espécie).

As citações relativas às defesas de Joaquim Pinto de Andrade e Aquilino Ribeiro são extraídas dos processos que a Pide lhes moveu. O debate na Assembleia Nacional sobre o caso da «Capela do Rato» é extraído — textualmente, por muito estranho que possa parecer — do «Diário das Sessões».

Outras fontes históricas foram utilizadas para os vários discursos, citações e episódios autênticos reproduzidos ou evocados no texto do espectáculo.

Finalmente, os autores agradecem ao Movimento das Forças Armadas ter libertado Portugal do fascismo e restaurado a liberdade de expressão e de pensamento, sem o que este espectáculo não seria possível.

... é um espelho do mundo e o rosto que esse espelho agora reflecte é o rosto de um povo livre, restituído ao seu destino. Um povo que canta a sua liberdade reconquistada, e que lutará para nunca mais a perder!

(Música — acordes do «Coro da Primavera»)

JOÃO

De tão pesada noite sinto o frio quando me aqueço o sei de uma alvorada é só, distante e perto, a voz de um povo me diz que não me engana, que ainda vivo.

## 1.ª Parte

Escuro.

«Angola é Nossa» — acordes finais.

Interrupção (sempre no escuro): Indicativo sonoro da Rádio Renascença.

VOZ GRAVADA DE LOCUTOR

Aqui Rádio Renascença. Vamos dar início a um novo programa.

Com o acender da luz entra, na voz do cantor, retomada depois por todos os actores, a 1.ª quadra de «Grândola, vila morena» de José Afonso.

CANTOR

Grândola, vila morena...

(Luz sobre todos)





«Certo» (1981)

(1) «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo»

(1981) novamente o «Certo» de «Certo»

Mas homens de tamanho pequeno (1)

Quem abobeta dos olhos pequenos (1)

Quem abobeta dos olhos pequenos (1)

Que abobeta pequenos (1)

E aos olhos e confuso dos pequenos (1)

Mas em do mundo dos e pequenos (1)

Amor dos olhos e pequenos (1)

De pequenos e do pequenos (1)

E pelo em olhos pequenos e do pequenos (1)

Visto pequenos dos olhos pequenos (1)

Por isso e aos olhos pequenos (1)

(1)

Quem do pequenos dos pequenos (1)

Quem do pequenos dos pequenos (1)

Quem do pequenos dos pequenos (1)

E dos pequenos dos pequenos (1)

«Certo»

LUÍS

*Pascal:* Não concordo com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até à morte o vosso direito de dizê-las!

CÉU

*Geraldo Sem Pavor:* A natureza fez o pescoço com uma mobilidade de 360 graus. Portanto devemos olhar as coisas de todos os ângulos.

JOÃO

*Danton:* Audácia, mais audácia, sempre audácia!

LUÍS

*Oliveira Salazar:* O povo para ser feliz não precisa de saber ler nem escrever.

CÉU

*Abraão Lincoln:* Pode-se enganar algumas pessoas todo o tempo; pode-se enganar todas as pessoas algum tempo; mas não se pode enganar todas as pessoas todo o tempo.

JOÃO

*Luis XIV:* O Estado sou eu!

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

«Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo» de «Certo»

21

JOÃO: "Bom, agora, vamos fazer o que o senhor disse. Vamos fazer o que o senhor disse."

JOÃO

JOÃO: "Bom, agora, vamos fazer o que o senhor disse. Vamos fazer o que o senhor disse."

JOÃO

JOÃO: "Bom, agora, vamos fazer o que o senhor disse. Vamos fazer o que o senhor disse."

JOÃO

JOÃO: "Bom, agora, vamos fazer o que o senhor disse. Vamos fazer o que o senhor disse."

JOÃO

JOÃO: "Bom, agora, vamos fazer o que o senhor disse. Vamos fazer o que o senhor disse."

JOÃO

JOÃO: "Bom, agora, vamos fazer o que o senhor disse. Vamos fazer o que o senhor disse."

JOÃO

CÉU

Há uns 2000 anos, na antiga Roma, reinava a escravatura.

*(Jogo mimico com os actores, representando um escravo, um guarda e uma matrona romana. Através de cada personagem «mostrar» o trabalho penoso, o autoritarismo e a selvajaria, o ambiente de sumptuosidade e luxúria)*

JOÃO

Escravos! Companheiros! Lutemos pela Liberdade! Afoguemos no sangue o luxo e a corrupção de Roma! Voltemos à nossa terra onde nos espera a paz e a abundância!

CANTOR E CORO

Escravos, de armas na mão!  
É a hora da libertação!

CÉU

A este apelo responderam os braços e os músculos de milhares de escravos.

*(Continua a pantomima)*

JOÃO: "Bom, agora, vamos fazer o que o senhor disse. Vamos fazer o que o senhor disse."

JOÃO

JOÃO

JOÃO: "Bom, agora, vamos fazer o que o senhor disse. Vamos fazer o que o senhor disse."

JOÃO

JOÃO: "Bom, agora, vamos fazer o que o senhor disse. Vamos fazer o que o senhor disse."

JOÃO

JOÃO: "Bom, agora, vamos fazer o que o senhor disse. Vamos fazer o que o senhor disse."

JOÃO

JOÃO: "Bom, agora, vamos fazer o que o senhor disse. Vamos fazer o que o senhor disse."

JOÃO

JOÃO: "Bom, agora, vamos fazer o que o senhor disse. Vamos fazer o que o senhor disse."

JOÃO

JOÃO

Dos corpos martirizados dos homens que trabalhavam e tudo produziam, brotou o sangue que deu a cor vermelha à luta pela liberdade.

CÉU

A notícia da revolta de Spartacus espalhou-se como o vento.

JOÃO

Por toda a parte nos revoltámos e fugimos. Perseguidos como animais selvagens, muitos morremos antes de atingir o Exército de Escravos de Spartacus, o primeiro exército de homens livres. Roma tremeu. E enviou contra nós os seus generais mais famosos e milhares de soldados. Mas a nossa guerra era justa, e nada podia deter a nossa vontade de viver em liberdade, o nosso sonho de regresso aos países onde tínhamos nascido e onde tinham morrido os nossos pais e avós. Aí tínhamos o prado verde, o rio, a árvore frondosa, e muitas vezes a mulher amada.

CÉU

Roma tremeu. E viu os seus generais presos e humilhados por homens que, sem possuírem a ciência da guerra, tinham a força e a violência da justiça e da razão.

(Continua e banimento)

crias de mulheres de escravos

Y este abejo trabalhava os pratos e os miga-

cen

E a mãe de proletores

Escravos de mulher de miga

CANTO E CORO

arrendatário

Aos meus e meus filhos onde nos sobra a bat e a

Ajudamos no trabalho e jato e a colheita de milho

Escravos de mulheres de miga

TOYO

arrendatário e miga

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

Ajudamos e a mulher o trabalho de

e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

e de largo e de largo e de largo e de largo

JOÃO

Fomos quantos? 30 000? 50 000? Não sei. Nunca ninguém o soube. Éramos muitos, de todas as raças e de todas as idades. Corremos montes e vales, o sonho e a esperança deram-nos forças para combater durante muito, muito tempo.

CÉU

Spartacus foi morto e o seu exército dizimado, ao fim de vários anos de luta contra o Império Romano.

Spartacus é o primeiro símbolo da revolta que atravessa a História da Humanidade, e que nunca se apagará enquanto existir a desigualdade social.

(De novo o «Coro dos Escravos»)

JOÃO

Proclama o povo: César está morto!

Spartacus foi derrotado porque fugiu com o seu exército para outras paragens, à procura de terra fértil para os milhares de homens que o seguiam;

Spartacus foi derrotado depois de ter posto Roma de joelhos, acobardada e vencida;

(«Coro dos Escravos»)

Spartacus foi derrotado porque não atacou Roma, o centro das forças que o exploravam e oprimiam.

LUÍS

Uma lição a não esquecer.

(Ainda no escuro ouve-se a voz de João, gritando:)

JOÃO

— Liberdade! Independência!  
A tirania está morta!  
Proclamai-o pelas ruas!  
César está morto!

(Luz sobre Céu)

CÉU

Frases dos conspiradores que assassinaram Júlio César. Na famosa cena de Shakespeare, Marco Antônio dirige-se ao povo (4):

(Luz geral)

CORO

Liberdade!

LUÍS

Amigos!

(4) Condensação da cena II do 3.º acto da tragédia «Júlio César», de Shakespeare.

o saurio que jorões das o exilios, a obitório  
gheirões foi gheirões boidos ugo ugocon yonias

(-Como que fucianos-)

de jorões' scordidos e leucidos  
gheirões foi gheirões boidos de jorões yonias  
in boidos os ugocon de yonias das o gheirões  
exilios boidos ugocon boidos' e boidos de jorões foi  
gheirões foi gheirões boidos jorões com o gheirões

JOÃO

(De novo o -Como que fucianos-)

gheirões boidos ugocon e gheirões boidos  
gheirões e jorões de yonias boidos' e das yonias se  
gheirões e o boidos boidos de yonias das  
jorões de yonias boidos de jorões com o jorões yonias  
gheirões foi yonias e o gheirões boidos' ao

CEN

in gheirões yonias' yonias yonias  
gheirões e o gheirões boidos das jorões boidos  
e de jorões se jorões' gheirões yonias e yonias' o  
yonias o yonias' gheirões yonias' de jorões se jorões  
yonias gheirões' ao gheirões yonias' yonias

JOÃO

gheirões' de gheirões  
(o gheirões de gheirões' de gheirões' de gheirões' de gheirões')

yonias

JOÃO

gheirões

JOÃO

(in gheirões)

in gheirões de gheirões (j)  
gheirões in yonias das de gheirões' yonias yonias  
gheirões de gheirões das gheirões yonias

CEN

(in gheirões)

gheirões de gheirões

gheirões de gheirões

A yonias de gheirões

(gheirões yonias)

JOÃO

gheirões

(gheirões) no gheirões de gheirões' de gheirões' de gheirões'

yonias de gheirões' de gheirões'

JOÃO

Independência!

CORO

LUIS

Romanos!

JOÃO

A tirania está morta!

LUIS

Patrícios!

JOÃO

Proclamai-o pelas ruas: César está morto!

LUIS

Prestai-me atenção!

Eu vim para enterrar César, não para elogiá-lo.  
O mal que os homens fazem vive depois deles.  
O bem é quase sempre enterrado com os seus ossos.  
Assim seja com César.

(Enquanto disse as frases acima, Luís sobe  
a um praticável. Mudança de luz, com um  
único foco sobre ele)

O honrado Brutus disse que César era ambicioso;  
se isto é verdade, era um defeito grave.  
E gravemente César o pagou.  
Aqui, — com a permissão de Brutus e dos demais —  
pois Brutus é um homem honrado,  
como eles todos são, todos homens honrados,  
eu venho falar no funeral de César.  
Ele foi meu amigo, leal e justo;  
mas Brutus diz que ele era ambicioso  
— e Brutus é um homem honrado.

Trouxe para Roma uma multidão de cativos,  
cujo resgate encheu o nosso tesouro.  
Isto em César parecia ambicioso?  
Quando os pobres gemiam, César chorava;  
a ambição deveria ser da matéria mais dura.  
Mas Brutus diz que ele era ambicioso,  
— e Brutus é um homem honrado.

Não quero desmentir o que ele disse;  
falo apenas do que sei.  
Todos vós o amastes, e não sem motivo;  
que motivo vos impede agora de chorar por ele?  
Ó Justiça! Foste morar com os animais selvagens  
pois os homens perderam o raciocínio!  
Ainda ontem a palavra de César podia enfrentar o  
[mundo;

mas agora aí jaz  
e ninguém tão humilde que o pranteie.  
Se tendes lágrimas, preparai-vos agora para  
[derramá-las.



háis adivinhar em qualquer de vossa  
cojocunço nua indaga em cada coisa de Cezar?  
pelaíto adu nu vintuio caber de adivinã se adivinã  
nua, jossu en ginta — e ginta vintuio?  
o dno jocos aqz adivinã?  
qido abeuss o dno adivinã e q abeussu.  
En ugo aju adu bala ecilui baxxos:  
auduussu e adivinã auduussu adivinã adivinã adivinã  
En baxxos aqz e jocos aqz adivinã adivinã adivinã  
Oj: dno adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
dno adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
o adivinã Cezar adivinã adivinã adivinã adivinã  
e adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

[baxxos]  
o adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
e adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
baxxos adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

[adivinã]  
de dno adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
como adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
e adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
baxxos adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

Em continente é pequeno  
nas colónias o terceiro  
o mais valente na guerra  
na descoberta o primeiro  
Dos valentes portugueses  
oiçamos a sua história  
Aos mouros e castelhanos  
alcançam sempre a vitória.

LUIS

(Bem sério, mas neutro, autoritário)

E aqui, antes de continuar este espectáculo, é necessário que façamos uma advertência a todos e a cada um. Neste momento, achamos fundamental que cada um tome uma posição definida. Sem que cada um tome uma posição definida, não é possível continuarmos. É fundamental que cada um tome uma posição, seja para a esquerda, seja para a direita. Admitimos mesmo que alguns fiquem no centro, fiquem até de braços cruzados. Mas é preciso que cada um, uma vez tomada a sua posição, fique nela! Porque senão, meus amigos, as cadeiras do teatro rangem muito e se ninguém ficar na mesma posição, ninguém ouve nada!

(Uma pausa. Depois, João fala)

JOÃO

Mil e muitas mil são as liberdades humanas. Aqui vão algumas delas:

(a) adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

Quando adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
fice o adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
baxxos adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
A adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

(A adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã)

CANTOR

o adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
de adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã  
adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

[adivinã]

adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

[adivinã]

adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

[adivinã]

adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã adivinã

CEU

A fundamental: liberdade física, ser dono do próprio corpo, poder ir e vir livremente.

(Música: canção «Liberdade de ir e vir»  
letra e música de José Mário Branco)

CANTOR E CORO

Nesta maré que anda pra cá e pra lá  
não somos espuma nem ondas do mar  
mas podemos ser a tempestade a lutar  
nesta viagem que fazemos, já

Essa guerra enorme do outro lado do mar  
Vão homens lutar indo pra cá e pra lá  
são soldados que vão regressar, e é já  
vamos fazer uma tempestade, cá

Nesta maré-vaza que nos faz emigrar  
temos liberdade de ir e vir e calar  
não existe fronteira pra nos explorar  
não qu'remos essa liberdade cá

Essa liberdade de ir pra cá e pra lá  
dá para os patrões mas para o povo não dá  
separando a boa fronteira da má  
vamos e vimos pra combater, aqui e lá.

JOÃO

Depois dessa liberdade, que já é uma conquista do ser humano, a mais importante é a liberdade económica:

(Música: canção «Liberdade económica»  
letra e música de José Mário Branco)



LU(S

Chiquinha, entra pra dentro!  
Entra pra dentro, Chiquinha!  
No caminho que você vai  
Você acaba prostituta!

— Deus te oiça, minha mãe...  
Deus te oiça... (6)

(Música: Samba «Conceição». Pantomima dos Actores após a 2.ª quadra)

CANTOR E CORO

Foi então que lá em cima apareceu  
Alguém que lhe disse a sorrir  
Que descendo à cidade  
Ela iria subir...

JOÃO

Outra conquista do ser humano: direito ao ócio.

LufS

Hora de comer — comer!  
 Hora de dormir — dormir!  
 Hora de brincar — brincar!  
 Hora de trabalhar?

— Pernas pro ar que ninguém é de ferro! (7)

(6) «Predestinação», do poeta brasileiro Ascenço Ferreira (extraído de «Catimbó e Outros Poemas»).

(7) «Filosofia», de Ascenço Ferreira (extraído do mesmo livro).

## CÉU

Direito ao trabalho. Todos têm de trabalhar.

LUÍS

— Sentindo que a violência  
Não dobraria o operário  
Um dia tentou o patrão  
Dobrá-lo de modo vário.  
De sorte que o foi levando  
Ao alto da construção  
E num momento de tempo  
Mostrou-lhe toda a região  
E apontando-a ao operário  
Fez-lhe esta declaração:  
— Dar-te-ei todo esse poder  
E a sua satisfação  
Porque a mim me foi entregue  
E dou-o a quem bem quiser.  
Dou-te tempo de lazer  
Dou-te tempo de mulher.  
Portanto, tudo o que vês  
Será teu se me adorares  
E, ainda mais, se abandonares  
O que te faz dizer não.  
Disse, e fitou o operário  
Que olhava e que reflectia  
Mas o que via o operário  
O patrão nunca veria.



meu bato «Jornal Obediente» em 1962  
(a) Condição de ser «o primeiro jornal de bairro»  
(b) do jornal «Obediente»  
(c) «Obediente em Obediência» (recurso) de Alameda de

197 (a)

Obediente logo o bairro e não o Caba-  
lho que me ajuda: uma barbação a

Exemplo de uma boa vida (a)

O bairro não é um bairro

É um bairro de bairro

O bairro de uma boa vida

COMO É COMO

Logo depois que o dia é um (a)

— Mas não — disse o obediente

Logo que o dia é um (a)

— Mas não — disse o obediente

E o obediente disse: logo

A vida de uma boa vida

Exemplo de uma boa vida

E um bairro de bairro

O bairro de uma boa vida

Logo que o dia é um (a)

Logo que o dia é um (a)

Logo que o dia é um (a)

E um bairro de bairro

O bairro de uma boa vida

PATRÃO

Ouve lá. Já ouviste falar dos grevistas?

OPERÁRIO

Sim, patrão.

PATRÃO

O quê?

OPERÁRIO

São uns comunistas e essa greve é uma merda.  
São uns paspalhões que não trabalham porque não  
querem trabalhar. Uns madraços. Fazem a greve pela  
greve, só para prejudicar toda a gente e espalhar a  
confusão.

PATRÃO

Muito bem. Como te chamas?

OPERÁRIO

Manel.

PATRÃO

Pois Manel, tu não sabes o que é a minha vida,  
o que são as minhas preocupações. Tu não tens pro-  
blema nenhum, eu trato-te de tudo. Comes feijão e  
batatas que eu te dou, que é a comida que tu gos-

carrega o livro de trabalho do obediente  
uma com pedras e pedras e pedras de  
(um momento de trabalho) O bairro está

Ah! Ah! bairro (trabalho mais e mais e mais)

OPERÁRIO

Logo depois que o dia é um (a)

OPERÁRIO

Logo que o dia é um (a)

OPERÁRIO

Logo que o dia é um (a)

OPERÁRIO

Logo que o dia é um (a)

Logo que o dia é um (a) e um bairro de bairro  
Logo que o dia é um (a) e um bairro de bairro  
Logo que o dia é um (a) e um bairro de bairro  
Logo que o dia é um (a) e um bairro de bairro

Logo que o dia é um (a) e um bairro de bairro  
Logo que o dia é um (a) e um bairro de bairro  
Logo que o dia é um (a) e um bairro de bairro  
Logo que o dia é um (a) e um bairro de bairro

OPERÁRIO

tas e que te faz bem, as minhas camionetas trazem-  
te para o trabalho, e até vives numa boa casa, que  
é minha.

OPERÁRIO

Ontem caiu a porta. Há ratos por todo o lado  
e cheira mal.

PATRÃO

Isso de vez em quando não faz mal nenhum.  
Eu quando vou à caça também não fico num hotel  
de luxo. Mas isso é como se fosse umas férias, e  
de borla!

OPERÁRIO

Obrigado, patrão!

PATRÃO

Pois tu nem sabes os problemas que eu tenho.  
Estás a ver este carro? É bonito, não é? É um «Ja-  
guar». Mas sabes quanto me custou? 300 contos! Já  
alguma vez passaste um cheque de 300 contos?

OPERÁRIO

Não, senhor.

PATRÃO

Pois digo-te que isso dói, e dói aqui. (Bate na  
carteira que está no bolso de trás das calças) E para

patroa que en se qon' dno e a conha dno in dno  
pneu noutur' en noutu de nouto' Comua nouto' e  
o dno e a nouta nouta nouta nouta nouta nouta  
nouta nouta in nouta nouta o dno e a nouta nouta

OPERÁRIO

Patrão!

OPERÁRIO

Muito bem. Como se chama?

OPERÁRIO

Comunista.

Disse: se não me conhece, logo a gente e o senhor e  
doutor noutu noutu noutu noutu noutu noutu noutu noutu  
e a nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta  
e a nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta

OPERÁRIO

O dno!

OPERÁRIO

Sim, patrão.

OPERÁRIO

Quão in se nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta

OPERÁRIO

quê? Eu nem preciso de um carro destes! Podia dei-  
tá-lo fora!

OPERÁRIO

Eu fico com ele, patrão.

PATRÃO

Tira a mão! Anda aqui. Olha a minha casa. Ar  
condicionado, até parece a casa de campo do Ten-  
reiro. Quanto julgas que custa construir uma casa  
de campo destas? Com piscina e tudo? 20 000 con-  
tos?

OPERÁRIO

Isso dá para muitos feijões, oh patrão!

PATRÃO

Ahh! Eh, olha depressa. Estás a ver aquela loira  
de bikini?

OPERÁRIO

Que bikini?

PATRÃO

Aquela ali, ao pé da piscina!

OPERÁRIO

Eu fico com ela.

centena dno esta no pinto de nouta nouta nouta nouta nouta  
nouta nouta dno nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta

OPERÁRIO

Não, senhor.

OPERÁRIO

Se não me conhece, logo a gente e o senhor e  
doutor noutu noutu noutu noutu noutu noutu noutu noutu  
e a nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta  
e a nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta

OPERÁRIO

Operário, senhor!

OPERÁRIO

de pinto  
de nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta  
e a nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta  
e a nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta

OPERÁRIO

e nouta nouta  
nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta

OPERÁRIO

e nouta nouta  
nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta nouta

PATRÃO

É boa mas eu é que sei o que me custa. Cen-  
tenas de contos. Isto é que são problemas. Que tu  
não tens e por isso vives feliz. (Torna-se sentimen-  
tal) Estes porcos dos comunistas dizem que eu não  
sei o que é o trabalho, que eu exploro os meus operá-  
rios. Quem é que eles julgam que plantou estas vi-  
nhas de mãos nuas? Trabalhando ao sol e ao frio,  
com geada ou a nevar?

OPERÁRIO

Foi o patrão, foi o patrão! Que grande actor,  
não acham?

PATRÃO

Não, foi o meu bisavô, foi ele que se gastou aqui.  
Mas eu herdei e hoje é tudo meu. (Mudando de  
tom) Para que queres tu um sindicato e mais di-  
nheiro?

OPERÁRIO

Eu não quero nada disso, patrão!

PATRÃO

Tu queres ter os meus problemas? Ah, se eu  
pudesse trocava contigo! Sim, eu posso. Queres ser  
o patrão durante um dia, só um dia? Ahn?

OPERÁRIO

Eu? Não, não quero. Não posso.



Caja o pico e a parreira

OPERÁRIO

Muito bem, fanteio!

(Com medo mas continuando a rir)

OPERÁRIO

Mis-se a mostrar-se (forte e imbonante)  
e como enj (põe a máscara de costas para o público)  
Nho' ugo' jazo ugo' Mes... (começa a rir) o bango

OPERÁRIO

(De-me o soratório e a máscara)

mesa jazo

Está bom, mas ainda ugo queda. Joda jazo e

OPERÁRIO

Ola' tou! Vamos a coiza!

(Com uma forte hesitação)

OPERÁRIO

(O bango de-me o caputo e o chicote)

do Presidente da Câmara e o duizessas bgi na ma  
cedo' m' quto' faz como se enfiasses no garfueta  
xeque) Euzo' saber. Cereça para cima' dnoixo esti  
Caja e paca. De cá jazo' (Jre o creben e a su

OPERÁRIO

Ajuda' jazo e jazo men'

E aduete caze' a biesque' e mupioz' o pikio' esta

OPERÁRIO

O men' «jagui»?

OPERÁRIO

E men'

«jagui» e pico caze' Este e mei este caze'

Nho' te bado para dno m' biesque' Jado-te e para

OPERÁRIO

Jim' «jagui» eaze' e biesque'.

OPERÁRIO

Auq' cá.

OPERÁRIO

ugo «jagui»?

Este e «jagui» qabueze' Que bueze' «jagui»

OPERÁRIO

bango)

Je qize' vo paradio' (Je m' bueze' no cu do

OPERÁRIO

Ajuda e mupioz' eaze'

OPERÁRIO

PATRÃO

Tu és doido? E eu onde é que vou viver?

OPERÁRIO

Eu tenho uma bela casa para tu morares e dou-te feijões para comeres. E pago-te um conto de réis por mês. Chega.

PATRÃO

Mas isso nem me dá para morrer à fome! (Para o público) Com a vida cara como está, vá lá os seis contos por mês. Eu percebo muito bem. Não tenho pago tanto porque tenho todas estas despesas. Mas se pudesse pagava. Bem, rapaz. Já brincámos um bocado. Dá cá as minhas coisas.

OPERÁRIO

Tira a mão.

PATRÃO

Deixa-te de brincadeiras. (Tenta agarrá-lo)

OPERÁRIO

Vai-te embora daqui meu malandro. Oh capataz, oh capataz! (Entra o capataz a correr) Leva-me este comunista daqui, e que eu nunca mais o veja.

PATRÃO

Este comunista está-me a lixar. Quer-me roubar tudo o que eu tenho.

CAPATAZ

E o que é isso a dizer mal do patrão! Vais ver se falas tanto quando estiveres no xelindró.

PATRÃO

Oh grande estúpido, sou eu o teu patrão!

CAPATAZ

Estúpido, eu? Vais ver a carga de porrada que já apanhas.

(Leva-o para fora de cena)

OPERÁRIO

(Tira a máscara do patrão e despe o sobretudo) Pronto, o patrão já está aviado. Mas eu não vou ficar com nada do que é dele. Não preciso, porque estou na luta e tenho os meus camaradas. Só fico com o charuto. Até à vista. (Punho no ar)

(Mudança de luz)

CÉU

Sempre que mais de meia dúzia de pessoa se reúnem, a liberdade individual cede aos interesses





51



testemunha e foi  
e me vejo que esta noite é a última  
para os meus e para os vossos. E é com

AMARILHO

comigo  
e os meus e os vossos. E é com  
vós e os meus e os vossos. E é com

AMARILHO

de mais o que é a vida e a morte  
e a vida e a morte. E é com  
vós e os meus e os vossos. E é com

AMARILHO

Que disseis em queis com isso?

AMARILHO

uma coisa  
e a vida e a morte. E é com  
vós e os meus e os vossos. E é com

AMARILHO

corpo (pela)  
(Esmacimento rápido) Debois, logo de que  
e, dadas)

oito e conjunto de... «Vá, vá, vá» —  
e, dadas, logo de que... e, dadas, logo de que...

debois  
e, dadas, logo de que... e, dadas, logo de que...  
e, dadas, logo de que... e, dadas, logo de que...  
e, dadas, logo de que... e, dadas, logo de que...  
e, dadas, logo de que... e, dadas, logo de que...  
e, dadas, logo de que... e, dadas, logo de que...

AMARILHO

intencionalmente e depois de...  
e, dadas, logo de que... e, dadas, logo de que...

(Voz)

AMARILHO

(Voz)  
e, dadas, logo de que... e, dadas, logo de que...  
e, dadas, logo de que... e, dadas, logo de que...

AMARILHO

LUÍS

O famoso escândalo do colar de diamantes trouxe  
à tona o profundo ódio que as loucuras de Maria  
Antonieta haviam levantado contra ela que disse  
certa vez: «O povo não tem pão para comer?! Pois  
então coma bolacha!» A declaração de falência total  
do Estado foi considerada culpa dela. E a Revolução  
começou.

(Foco de luz desloca-se e vai incidir sobre  
cantora e coro)

CANTORA

Ah, ça ira, ça ira, ça ira,  
Os aristocratas vão prà forca,  
Ah, ça ira, ça ira, ça ira,  
Os aristocratas vão morrer...

(Foco sai da cantora e acende-se sobre  
João e Céu)

JOÃO

Audácia, mais audácia, sempre audácia! — gritou  
um dia Danton!

CÉU

O Estado sou eu — proclamava Luís XIV.

JOÃO

Depois de mim, o dilúvio — disse um dia Luís XV.

CÉU

E a França preparava-se para executar Luís XVI;  
por isso a Assembleia Francesa ouvia com todo o  
respeito e em silêncio o Dr. Guillotin.

(Volta luz geral na cena)

LUÍS

«Com o aparelho que modestamente apresento a  
esta Assembleia, humanizamos o processo da morte.  
O mecanismo abre-se automaticamente. A lâmina cai  
como um raio. A cabeça salta; o sangue jorra; era  
uma vez um homem. Criminoso e carrasco lucram  
ambos com este processo. E acabamos também com  
o odioso privilégio de só os nobres serem decapita-  
dos. A pena de morte será igual para todos, isto é:  
democrática.»

CÉU

Segundo a nossa fonte histórica que utilizámos  
para o caso, o doutor Guillotin também foi... demo-  
cratizado.

JOÃO

Enfim, em épocas difíceis é assim mesmo; só não  
corre risco quem não tem pescoço...

CORO

Queremos pão, queremos pão, queremos pão...





remos que mandem embora quem nos defende e está por nós. E fomos para a rua, em grupos, vinham uns dum sítio, outros doutro, e íamo-nos juntando uns aos outros, por sinal que até estava um lindo domingo de sol, tínhamos levado as mulheres e as crianças e vai senão quando vêm eles de lá com cavalos, com sabres, com baionetas, e zás! em cima da gente, eles era quem podia dar mais, nós era quem mais fugir podia, e gritos, e choros, e sangue, e gente pisada e ferida, e os cavalos empinados, eu sei lá! aquilo só visto. De repente, os sinos de Paris começaram a tocar a rebate, todos os sinos ao mesmo tempo, os canhões dispararam a prevenir os outros, os que tinham ficado em casa, e cada vez vinha mais gente para a rua, e cada um trazia o que podia arranjar, paus e pedras da calçada, mas o que é que a gente podia fazer só com paus e pedras contra as armas que eles tinham? Então assaltámos as lojas dos armeiros e trouxémos cá para fora tudo o que lá havia: velhas espingardas, escopetas, canhões que deviam ser do tempo da guerra dos cem anos... Mas faltava-nos a pólvora e as balas, de que serviam as armas sem pólvora nem balas? Foi nesta altura que começou a constar que na prisão de Bastilha havia um grande depósito de munições e toca a correr para lá, mas quem é que diz que eles nos entregaram as munições? é o entregas! e desataram a disparar sobre nós, houve mortos e feridos, mas a gente que tinha chegado até ali, para trás é que já não podia ser e então dissémos: se não vai a bem vai a mal!

60

E foi! A Bastilha rendeu-se, tomámos a Bastilha!  
Viva a Revolução!

(Música)

JOÃO

A Revolução Francesa legou-nos a primeira Declaração dos Direitos do Homem, em que se proclamam princípios fundamentais da nossa vida civil de hoje:

## CÉU

Liberdade individual;

JOÃO

Julgamento por júri;

## CÉU

Abolição da escravidão;

JOÃO

Direito de voto;

## CÉU

## Soberania da Nação:

JOÃO

Fiscalização dos impostos pelo povo;

61

E influenciou todos os movimentos de libertação posteriores na Europa,

na Ásia,

na África,

nas Américas.

Na sua peça *A Morte de Danton*, o dramaturgo alemão Büchner retrata a essência da revolução e os seus elementos humanos.<sup>(20)</sup>

*(Mudança de luz, criando o clima para a  
cena. Luz geral)*

Fizeste melhor figura no Tribunal do que aqui na cadeia, Danton.— Gritaste bem alto no Tribunal: «No campo de Marte declarei guerra à monarquia; no dia 10 de Agosto venci-a, no dia 25 de Janeiro

(20) A cena que segue é uma montagem de vários passos do drama de Büchner, escrito em 1835.

matei-a; e aos reis de todo o mundo atirei a cabeça decepada de outro rei, como uma luva em sinal de desafio!». «Com o ouro dos ricos a minha voz forjou armas para o povo. Alimentei a cria recém-nascida da revolução com as cabeças decepadas dos aristocratas!» Foste brilhante, Danton.

Nem por isso deixarei de morrer, Lacroix.

Mas é a glória eterna, Danton. Pelos séculos foram-de representar essa cena, mostrando-te como um herói.

Prepara-te tu também. Glória ou não glória, já ouço os passos do carrasco; vem buscar as nossas brilhantes cabeças.

Eles têm medo de ti, Danton; é por isso que vão matar-te.

Repara como Júlia dorme. Eu gostaria de ter a mesma serenidade.

A serenidade está em Deus. Em breve a terás.

quando os prisioneiros saíram em 1793?

(a) A quem deu ordem e quem respondeu de acordo com o

no dia 10 de agosto, quando os 22 de janeiro  
 «Hoje caímos de mãos desarmadas! Mas a revolução  
 continua! Danton! — Danton! Danton! — Danton! — Danton!  
 Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

JOÃO

«Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

(levantando-se e gritando o nome dele)

os seus prisioneiros prisioneiros (a)

«Hoje caímos de mãos desarmadas! Mas a revolução  
 continua! Danton! — Danton! Danton! — Danton! — Danton!  
 Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

CÉU

«Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

JOÃO

«Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

CÉU

«Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

JOÃO

«Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

E levantando todos os movimentos de libertação

CÉU

A revolução está em pé! Em pé! Em pé! Em pé!

JOÃO

«Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

«Hoje caímos de mãos desarmadas! Mas a revolução  
 continua! Danton! — Danton! Danton! — Danton! — Danton!  
 Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

(levantando-se e gritando)

CÉU

«Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

«Hoje caímos de mãos desarmadas! Mas a revolução  
 continua! Danton! — Danton! Danton! — Danton! — Danton!  
 Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

JOÃO

«Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

«Hoje caímos de mãos desarmadas! Mas a revolução  
 continua! Danton! — Danton! Danton! — Danton! — Danton!  
 Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

«Hoje caímos de mãos desarmadas! Mas a revolução  
 continua! Danton! — Danton! Danton! — Danton! — Danton!  
 Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

CÉU

«Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

«Hoje caímos de mãos desarmadas! Mas a revolução  
 continua! Danton! — Danton! Danton! — Danton! — Danton!  
 Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

«Hoje caímos de mãos desarmadas! Mas a revolução  
 continua! Danton! — Danton! Danton! — Danton! — Danton!  
 Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

JOÃO

«Hoje caímos de mãos desarmadas! Mas a revolução  
 continua! Danton! — Danton! Danton! — Danton! — Danton!  
 Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

CÉU

«Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

«Hoje caímos de mãos desarmadas! Mas a revolução  
 continua! Danton! — Danton! Danton! — Danton! — Danton!  
 Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

«Hoje caímos de mãos desarmadas! Mas a revolução  
 continua! Danton! — Danton! Danton! — Danton! — Danton!  
 Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

«Hoje caímos de mãos desarmadas! Mas a revolução  
 continua! Danton! — Danton! Danton! — Danton! — Danton!  
 Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

«Hoje caímos de mãos desarmadas! Mas a revolução  
 continua! Danton! — Danton! Danton! — Danton! — Danton!  
 Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

«Hoje caímos de mãos desarmadas! Mas a revolução  
 continua! Danton! — Danton! Danton! — Danton! — Danton!  
 Danton! Danton! Danton! Danton! Danton! Danton!

LUIS

Para mim não há Deus nem serenidade; sou ateu.  
 cadáveres...

JOÃO

Eu não queria morrer. Oh, quem pudesse não mor-  
 rer, como diz a canção!

LUIS

(Levantando-se)

Também eu não quero morrer, Lacroix! Não po-  
 demos desaparecer! Temos de gritar bem alto!  
 (Grita) Eles terão que arrancar cada gota do meu  
 sangue, uma a uma! (Pausa. Vê Céu) Oh, tudo o  
 que conseguimos foi acordar Júlia. (Debruça-se so-  
 bre ela) Júlia, minha querida. Estás encharcada em  
 suor. O teu corpo treme.

CÉU

Tive um pesadelo horrível. Não falta muito para  
 eu perder o resto de razão que ainda tenho. Não  
 quero dormir, não quero enlouquecer.

LUIS

Eu queria morrer de outra maneira; sem fadiga,  
 sem dor, assim como cai uma estrela, como expira  
 um som, morrer como morre um raio de luz em águas  
 límpidas. (Ouve-se um ruído. Luís levanta-se atento)  
 Quem vem lá?

CÉU

O carrasco.

JOÃO

Agora a liberdade vai honestamente deitar-se com  
 Robespierre. Mas a esse não lhe dou mais que seis  
 meses de vida; não tarda muito que vá fazer-nos  
 companhia.

CÉU

Que importa agora isso? Nós todos podíamos ter  
 sido amigos, podíamos ter rido juntos...

LUIS

Quando um dia a História abrir as nossas sepul-  
 turas, o despotismo ficará sufocado com o fedor dos  
 nossos cadáveres. E os tiranos partirão a nuca tro-  
 peçando nos nossos túmulos.

JOÃO

Façamos uma cara digna para a Posteridade. Che-  
 gou a nossa hora.

CÉU

Vamos, Danton, coragem!

LUIS

As rodas da carroça que nos leva à guilhotina  
 abrem as estradas por onde os inimigos vão pene-

Quem vem lá?  
(Quem vem lá? Quem vem lá? Quem vem lá?)  
Eu sou' mulher como mulher, não sei de quê eu sou'  
Sou' mulher como eu, não sei de quê eu sou'

Quem vem lá?  
Eu sou' mulher como mulher, não sei de quê eu sou'  
Sou' mulher como eu, não sei de quê eu sou'

Quem vem lá?  
Eu sou' mulher como mulher, não sei de quê eu sou'  
Sou' mulher como eu, não sei de quê eu sou'

Quem vem lá?  
Eu sou' mulher como mulher, não sei de quê eu sou'  
Sou' mulher como eu, não sei de quê eu sou'

trar no coração da França. É a ditadura. Rasgou o seu véu, levanta a cabeça, marcha sobre os nossos cadáveres...

JOÃO

(Depois de longa pausa, levanta a cabeça e canta baixinho)

Allons enfants de la Patrie...

CÉU

(Também depois de pausa)

Le jour de Gloire est arrivé...

LUÍS

(Mesmo jogo)

Contre nous de la tyrannie...

OS TRÊS

(Mais forte)

L'étendard sanglant est levé... (Repetem)

(Mudança de luz; os três permanecem juntos no centro do palco, com um único foco

Quem vem lá?  
Eu sou' mulher como mulher, não sei de quê eu sou'

LUÍS

(Depois de longa pausa, levanta a cabeça e canta baixinho)

CÉU

Allons enfants de la Patrie...

JOÃO

Quem vem lá?  
Eu sou' mulher como mulher, não sei de quê eu sou'

LUÍS

Quem vem lá?  
Eu sou' mulher como mulher, não sei de quê eu sou'

CÉU

Quem vem lá?  
Eu sou' mulher como mulher, não sei de quê eu sou'

JOÃO

O silêncio

CÉU

de luz sobre eles; entra o coro e o conjunto musical)

TODOS

Entendez-vous dans les campagnes  
Mugir ces féroces soldats?  
Ils viennent jusque dans nos bras  
Égorger nos fils et nos compagnes!  
Aux armes, citoyens!  
Formez vos bataillons!  
Marchons, marchons!  
Qu'un sang impur  
Abreuve nos sillons!

LUÍS

Um fenómeno como este nunca será esquecido na História do mundo, pois revelou no fundo da natureza humana uma possibilidade de progresso moral que nenhum político até então havia suscitado sequer. Mesmo se o objectivo final não for alcançado, estas primeiras horas de liberdade nada perdem do seu valor. Um acontecimento como este é tão grande, prende-se tão intimamente com os interesses da humanidade, influenciou tanto o mundo inteiro, que outros povos noutras circunstâncias não deixarão de recordá-lo e de recomeçar a experiência. (21)

(21) E. Kant, «O Conflito das Faculdades» (1798).

jos no centro do bairro' com um quito loco  
(marchando de luz: os pés batem-se com luz)

(marchando de luz: os pés batem-se com luz)

(marchando de luz: os pés batem-se com luz)

OS PÉS

Conte-nos de lá, da liberdade...

(marchando de luz: os pés batem-se com luz)

OS PÉS

Conte-nos de lá, da liberdade...

(marchando de luz: os pés batem-se com luz)

OS PÉS

Conte-nos de lá, da liberdade...

(marchando de luz: os pés batem-se com luz)

(marchando de luz: os pés batem-se com luz)

OS PÉS

OS PÉS

Conte-nos de lá, da liberdade...  
Conte-nos de lá, da liberdade...  
Conte-nos de lá, da liberdade...

Conte-nos de lá, da liberdade...

Conte-nos de lá, da liberdade...  
Conte-nos de lá, da liberdade...  
Conte-nos de lá, da liberdade...  
Conte-nos de lá, da liberdade...  
Conte-nos de lá, da liberdade...  
Conte-nos de lá, da liberdade...  
Conte-nos de lá, da liberdade...  
Conte-nos de lá, da liberdade...  
Conte-nos de lá, da liberdade...  
Conte-nos de lá, da liberdade...

OS PÉS

Conte-nos de lá, da liberdade...

Conte-nos de lá, da liberdade...

Conte-nos de lá, da liberdade...

Conte-nos de lá, da liberdade...

Conte-nos de lá, da liberdade...

Conte-nos de lá, da liberdade...

Conte-nos de lá, da liberdade...

Conte-nos de lá, da liberdade...

Conte-nos de lá, da liberdade...

OS PÉS

Conte-nos de lá, da liberdade...

Conte-nos de lá, da liberdade...

#### CANTORA

Não há machado que corte  
a raiz do pensamento  
porque é livre como o vento  
porque é livre. (22)

#### CÉU

A liberdade não é surda-muda nem parálitica, ela  
vive, fala, bate as mãos, ri, assobia, clama, ela vive  
da vida.

#### LUIS

Mas afinal o que é a liberdade? Apesar de tudo  
o que já se disse e de tudo o que dissemos sobre  
a liberdade, muitos dos senhores ainda estão natu-  
ralmente convencidos de que a liberdade não existe,  
que é uma figura mitológica, uma pura imaginação  
do homem. Mas eu garanto-lhes que a liberdade  
existe. Não só existe, como é feita de cimento e de  
cobre e tem cem metros de altura. Ela foi doada aos  
americanos pelos franceses em 1866, isso porque  
naquela época os franceses tinham liberdade a mais  
e os americanos não tinham nenhuma. Recebendo  
a liberdade dos franceses, os americanos colocaram-  
na à entrada do porto de Nova Iorque. Esta é portanto  
a verdade indiscutível. Até hoje a liberdade não pe-  
netrou... no território americano.. Quando Bernard

(22) Fragmento do poema «Livre», de Carlos de Oliveira,  
posto em música por Fernando Lopes-Graça.

Shaw esteve nos Estados Unidos foi convidado a visi-  
tar a liberdade, mas recusou-se afirmando que seu  
gosto pela ironia não ia tão longe. Aquelas coisas  
em bico na cabeça da liberdade ninguém sabe o  
que sejam. Talvez seja uma previsão de defesa anti-  
aérea. Coroa de louros certamente não é. Antiga-  
mente era costume coroar-se os heróis e os deuses  
com coroas de louros. Mas quando os franceses doa-  
ram a liberdade aos Estados Unidos, nós portugueses  
já tínhamos desmoralizado o louro, pondo-o às portas  
das tabernas para anunciar o vinho novo. A confec-  
ção da monumental efígie custou à França trezentos  
mil dólares. Recebendo a liberdade dos franceses,  
os americanos fizeram-lhe um pedestal que, sendo  
americano, custou muito mais caro do que a pró-  
pria estátua: quatrocentos e cinquenta mil dólares.  
Assim, a liberdade põe em cheque a afirmativa de  
alguns amigos nossos, que dizem de boca cheia e  
usando uma frase importada, que o «Preço da Liber-  
dade é a Eterna Vigilância». Não é. Como acabamos de  
demonstrar, o preço da liberdade é de setecentos e  
cinquenta mil dólares. Isso há quase um século atrás.  
Porque actualmente o Fundo Monetário Internacional,  
com a desvalorização da moeda, calcula o preço da  
nossa liberdade em algumas bases militares e em  
vários jazigos de minerais de interesse bélico.

(Escuro. Entra em fundo a voz gravada de  
Paul Robeson. A música desce enquanto  
Céu declama)

JOÃO

(23) «I, too», poema de Langston Hughes.

70

(Apaga-se o foco de luz sobre João; acende-se sobre o cantor)

If you miss me at the back of the bus  
you can't find me nowhere  
Look for me in the front of the bus  
I'll be sitting over there.

I'll be sitting over there, oh  
I'll be sitting over there, oh oh  
I'll be sitting over there, oh  
I'll be sitting over there.

If you miss me at the cotton field  
You can't find me nowhere  
Look for me in the City Hall  
I'll be voting over there.

I'll be voting over there, oh  
 I'll be voting over there, oh oh  
 I'll be voting over there, oh  
 I'll be voting over there. (24)

(24) Canção folclórica arranjada por Pete Seeger.

71

(a) "I" meo' boena qe gaudiaon hndrea  
 Dineios Ciale  
 tedro qos uedios emencuon — e Cambeure bejos  
 e ate ate ao selado qe diano moluicuto qe prei-  
 ion tot hndi hndreaon doie eadere dne cojocalew  
 Este boena e qe gaudiaon hndrea. E dnew cau-  
 xoyo

ma (oto)  
 (Vbede-se o foco qe int e laseuqde-se so-  
 En tumpem son a ymencia (a)  
 gauria leidona  
 Deigo como son pejo  
 dne at comat ne cojura  
 qizeu-ue  
 Hndreaon eadere dne  
 com os dne leu qe joia  
 gauria-ue-ei e moze  
 ymencia  
 bue hndi meje joia  
 e como e ymencia leidona  
 meje en jo-ue  
 dneuqde leu dne qe joia  
 Hndreaon-ue comat ne cojura  
 son o mudo meje eadere  
 En tumpem cauio a ymencia  
 cau

(a) Cambeure leidona gauriaon boe joia gauriaon

I, I pe lojua olat gure (a)  
 I, I pe lojua olat gure op  
 I, I pe lojua olat gure op op  
 I, I pe lojua olat gure op  
 I, I pe lojua olat gure  
 look joa me in the city hndi  
 lon cau, hndi me hndrea  
 it lon meje me at the cotton hndi

CANTOR

I, I pe gauria olat gure  
 I, I pe gauria olat gure op  
 I, I pe gauria olat gure op op  
 I, I pe gauria olat gure op

CORO

I, I pe gauria olat gure  
 look joa me in the hndi of the pte  
 lon cau, hndi me hndrea  
 it lon meje me at the back of the pte

CANTOR

de-se sobre o cauio)  
 (Vbede-se o foco qe int sobre joia: acen-

(Apaga-se o foco sobre o Cantor e acen-  
 de-se em Céu. A música prossegue em  
 fundo)

CÉU

Vocês ouviram uma «freedom song» — canção de  
 liberdade — cantada em todo o território americano  
 pela igualdade de negros e brancos.

(Luz geral na cena. João vai ao centro)

JOÃO

Primeiras palavras da Declaração da Independên-  
 cia Americana. Afirmamos que estas verdades são  
 evidentes por si mesmas; que todos os homens nas-  
 cem iguais e são dotados pelo Criador de certos di-  
 reitos inalienáveis e que entre estes direitos estão  
 a vida, a liberdade e a procura de felicidade. (25)

(Apaga-se a luz geral e acende-se reflector  
 sobre o cantor e o coro)

CANTOR E CORO

Summertime, when the living is easy  
 Fish are jumping and the cotton is high  
 Your daddy is rich and your «mas»'s good looking  
 So hush, little baby don't you cry... (26)

(25) A «Declaração da Independência Americana» data de 4 de  
 Julho de 1776 e foi assinada por George Washington. A intro-  
 dução é de Thomas Jefferson.

(26) «Summertime», canção de abertura da ópera «Porgy and  
 Bess», de Gershwin (1935).

(Apaga-se o reflector sobre o cantor e  
 acende-se sobre João)

JOÃO

Acontece que na discussão final da Declaração  
 da Independência Americana, foi cortado o artigo em  
 que se condenava a escravatura. A questão racial  
 nascia assim com o país.

CÉU

Passados duzentos anos o problema subsiste  
 ainda, provocando a fúria do tranquilo Dr. Martin  
 Luther King, Prémio Nobel da Paz, que seria assassi-  
 nado pouco tempo depois de proferir estas palavras:

LUIS

«A segregação racial é o fruto do concubinato da  
 desumanidade com a imoralidade. Não podemos tra-  
 tá-la com a vaselina da contemporização».

(Sai a luz geral, acende-se reflector exclu-  
 sivamente sobre o cantor)

CANTOR

Mine eyes have seen the glory of the coming of my  
 [Lord  
 He is trembling  
 As he died to make men holy, let us die to make  
 [man free  
 His truth is marching on...

...de ... (1863)  
(a) "Gloria, gloria, halleluia!" canto de ...  
... de ...  
(b) "Gloria, gloria, halleluia!" canto de ...

... (a)  
...  
...  
...  
...

CANTOR E CORO

...  
...  
...  
...  
...  
...  
...  
...  
...

JOÃO

...  
...  
...  
...  
...

CÉU

...  
...  
...

CORO

(Escura. Foco de luz sobre o cantor)

Glory, glory, halleluia!  
Glory, glory, halleluia!  
Glory, glory, halleluia!  
His truth is marching on!

(Mudança de luz, do cantor para João.  
O coro prossegue cantando enquanto ele  
fala)

JOÃO

Em 1863, em plena Guerra Civil Americana,  
Abraham Lincoln dirigiu-se a Gettysburg, local da  
maior batalha dessa guerra, e ali pronunciou um dis-  
curso que durou apenas dois minutos.

CÉU

Ele pensava que as suas palavras se perderiam  
na poeira do tempo, mas há mais de um século o  
mundo ainda repete a sua definição de liberdade:

(Mudança de luz. O foco apaga-se sobre  
João e Céu e acende-se sobre Luís. O coro  
cessa de cantar)

LUÍS

Há 87 anos os nossos pais fundaram neste con-  
tinento uma Nação nova, assente na liberdade e ba-  
seada no princípio de que todos os homens nascem

His truth is marching on...

[Cantor]

As he died to make men free, let us die to make  
freedom live.

[Coro]

His truth is marching on...

CANTOR

...  
...

...  
...

...  
...  
...

LUÍS

...  
...  
...  
...

CÉU

...  
...  
...  
...

JOÃO

...  
...

...  
...

iguais. Agora estamos empenhados numa grande  
Guerra Civil para decidir se esta Nação — ou qual-  
quer outra orientada pelos mesmos princípios — po-  
derá sobreviver. Estamos reunidos num grande campo  
de batalha, e viemos aqui para consagrar a memória  
daqueles que deram a sua vida pela sobrevivência  
desta Nação. O mundo esquecerá depressa estas pa-  
lavras; mas jamais poderá esquecer-se do que eles  
aqui fizeram. Quanto a nós, os que estamos vivos,  
cabe dedicar-nos à obra incompleta que os que luta-  
ram aqui levaram já tão longe. Por isso declaramos  
que esses mortos não morreram em vão; que esta  
Nação, sob a protecção de Deus, renascerá para a  
liberdade, e que o governo do Povo, pelo Povo e para  
o Povo, nunca mais desaparecerá da face da Terra. (27)

JOÃO

Um bom pouco de ...  
...

CÉU

Ó Luís, tu já pensaste como é que o Lincoln se  
deve estar a sentir lá na estátua dele em Washington,  
depois das broncas do Vietnam e do Watergate?

LUÍS

Em 21 de Abril de 1782 o alferes Joaquim José da  
Silva, por alcunha o "Tiradentes", foi enfor-

(27) Condensação do discurso de Abraham Lincoln conhecido  
por «The Gettysburg Address».

assim um indivíduo de dois corpos de natureza humana  
humana pura, mas não humana, e assim um indivíduo de  
natureza humana e de natureza divina, e assim um indivíduo

mas

o que se chama

Logo o Céu e a terra se tornam um só O céu  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só

CÉU

Logo o Céu e a terra se tornam um só O céu  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só

JOÃO

Logo

O céu e a terra se tornam um só O céu  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só

Logo o Céu e a terra se tornam um só O céu

e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só

e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só

e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só

CÉU

(Escuro. Foco de luz sobre o cantor)

CANTOR

Naquele tempo  
num lugar todo enfeitado,  
nós ficava amuntado  
pra esperá os compradô...  
No mesmo dia  
em que levaram minha preta  
me botaro nas grillheta  
que é pra mode eu não fugi...<sup>(28)</sup>

(Prossegue cantarolando, enquanto a luz  
geral da cena se acende)

CÉU

Esta canção revela exactamente as condições de  
vida dos escravos no Brasil no século XVIII.

JOÃO

Qualquer tentativa de libertação dos negros era  
castigada com crueldade inimaginável. Em 1751, ao

<sup>(28)</sup> «Leilão», letra de Joracy Camargo e música de Heckel  
Tavares (fragmentos).

Logo o Céu e a terra se tornam um só O céu

e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só

Logo o Céu e a terra se tornam um só O céu  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só

CÉU

Logo o Céu e a terra se tornam um só O céu  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só  
e a terra se tornam um só O céu e a terra se tornam um só

regressar de uma expedição contra índios e escravos  
em fuga, Bartolomeu Bueno do Prado voltou trazendo  
consigo 3900 orelhas de negros que exterminou.<sup>(29)</sup>

CÉU

3900?

JOÃO

São só 1950 negros!

CÉU

Xiça!

JOÃO

Um bom puxão de 3900 orelhas não faz mal a  
ninguém.

CÉU

Pois não... Só a 1950 pretos.

LUIS

Em 21 de Abril de 1792 o alferes Joaquim José da  
Silva Xavier, por alcunha o «Tiradentes», foi enfor-

<sup>(29)</sup> Transcrito de «Nobiliárquica Paulistana», antologia orga-  
nizada por Edison Carneiro.

cado no Rio de Janeiro, depois de fracassada a primeira tentativa para tornar o Brasil independente. O seu corpo foi esquartejado, os membros espalhados pelo caminho e a sua cabeça exposta em Vila Rica de Ouro Preto. Trinta anos depois, o Brasil proclamava a sua independência.

*(Todos cantam um fragmento do Hino da Proclamação da República Brasileira, bruscamente cortado por rajadas de metralhadoras. Novo corte de som e de luz. Silêncio)*

JOÃO  
(No escuro)

4 de Fevereiro de 1961. Angola pega em armas para lutar pela sua independência.

CÉU

As casas, às nossas lavras,  
às praias, aos nossos campos,  
havemos de voltar. <sup>(30)</sup>

JOÃO

Depressa o Movimento de Libertação se estende a Moçambique e à Guiné.

<sup>(30)</sup> «Havemos de Voltar», poema de Agostinho Neto. O poema é dito integralmente no final do acto.

LUIS

As nossas terras  
vermelhas do café  
brancas do algodão  
verdes dos milharais  
havemos de voltar.

JOÃO

Mas a repressão, feroz, não se faz esperar.

*(Canção: «Munangambê», que continua depois em fundo)*

CANTOR

Naquela roça que não tem chuva  
é o suor do meu rosto que rega as plantações.  
Naquela roça grande tem café maduro  
E aquele vermelho-cereja  
são gotas do meu sangue feitas seiva.

O café vai ser torrado  
pisado  
torturado  
vai ficar negro da cor do contratado.  
MUNANGAMBÊ  
MUNANGAMBÊ <sup>(31)</sup>

JOÃO

«Rapidamente e em força», são mandadas tropas para África.

<sup>(31)</sup> Poema de António Jacinto.

CÉU

E muitos dos que partiram não voltaram, e muitos dos que vieram, vieram mutilados no corpo ou no espírito, e muitos preferiram o exílio a terem que matar.

JOÃO

E assim durante anos e anos manteve-se uma guerra que custou a Portugal metade do seu orçamento e milhares de vidas humanas...

CANTOR E CORO

Já lá vai Pedro soldado  
Num barco da nossa armada  
E leva o nome bordado  
Num saco cheio de nada.

Não é Pedro pescador  
Nem no mar vindimador  
Nem soldado vindimando  
Verde vinha vindimada.<sup>(32)</sup>

JOÃO

Uma guerra que «não se podia discutir», porque nos era «imposta do exterior».

(32) «Pedro Soldado», poema de Manuel Alegre, música de Adriano Correia de Oliveira (1.ª e última quadras).

LUIS

Aos nossos rios, nossos lagos,  
às montanhas, às florestas,  
havemos de voltar.

JOÃO

Mas além deste canto, Agostinho Neto, poeta, presidente do M.P.L.A., dizia:

CÉU

«Não combatemos o branco só porque ele é branco. Não é a cor da pele que determina a consciência do homem. O que nós desejamos é estabelecer uma sociedade nova, onde negros e brancos possam viver em conjunto.»

LUIS

Palavras idênticas às de Amílcar Cabral, «leader» do P. A. I. G. C., assassinado pelo fascismo.

CÉU

«Nós não lutamos contra o povo português, mas apenas contra o colonialismo português.»

JOÃO

Uma guerra que «não se podia discutir» porque «a Pátria não se discute», e só os inimigos da Pátria a podem considerar injusta.

«Por uma questão de temperamento, de educação e de formação religiosa, sou contra métodos violentos e fraudulentos. Creio que a língua foi dada aos homens para se entenderem e que todas as divergências deveriam ser resolvidas por métodos pacíficos e democráticos e através de negociações. Na minha qualidade de sacerdote e de africano e de natural desta terra, tenho dos problemas que preocupam este povo um conhecimento directo, e por assim dizer vivencial. E vivo-os com a sensibilidade particularmente aguda de quem se sente deles solidário pelas vozes do sangue e pelas amarras da História.» <sup>(33)</sup>

JOÃO

Assim falou no Tribunal Plenário de Lisboa, onde em 1971 respondeu por atentar contra a segurança do Estado, o padre Joaquim Pinto de Andrade, natural de Angola.

## CÉU

Preso em 1960 e desde então até à data do seu julgamento encarcerado durante 3 anos e com residência fixa durante os restantes 8 anos.

(33) Extraído do livro «Em Defesa de Joaquim Pinto de Andrade».

«Apenas — como disse o seu advogado — pelo crime de ser negro, angolano, culto e não subser-viente.»

## CÉU

E sacerdote— circunstância agravante!

LUÍS

(Com unção)

Ah! se já nem podemos ter confiança na Igreja!

JOÃO

30 de Dezembro de 1972. Um grupo de cristãos, depois de celebrada a missa na Capela do Rato, decidiu permanecer no local meditando sobre o problema da Paz e à procura dos seus caminhos possíveis.

## CÉU

Até que a polícia os expulsou e prendeu.

LUÍS

*(Raivosamente)*

«Era uma atitude política, o Governo tinha de intervir!»

«... E aqui, nesta terra glorificada pela fidelidade à Igreja, os católicos reunidos numa capela para discutir a justiça, a paz e a guerra são expulsos do templo...»

«V. Ex.ª não pode estar nesta Assembleia a criticar a acção militar dos nossos soldados em defesa do Ultramar.» (A parte, a Céu) Tens aí as cotações da pesca?

CÉU

«V. Ex.ª pediu a palavra para me interromper?»

JOÃO

«Não preciso de pedir a palavra para defender o meu país.» (A Céu, impaciente) Então as cotações da pesca?

CÉU

Só tenho aqui as do gás. (Para Luís) «Eu queria fazer uma pergunta a V. Ex.ª. Eu não estou na Igreja, estou na Assembleia Nacional e faço-a: V. Ex.ª acha bem e concorda que se discuta a presença de Portugal no Ultramar?»

LUÍS

«Acho, sim senhor. Não só na Igreja como em qualquer outra parte.»

JOÃO

«... E aqui, nesta terra glorificada pela fidelidade à Igreja, os católicos reunidos numa capela para discutir a justiça, a paz e a guerra são expulsos do templo...»

«V. Ex.ª não pode estar nesta Assembleia a criticar a acção militar dos nossos soldados em defesa do Ultramar.» (A parte, a Céu) Tens aí as cotações da pesca?

CÉU

«V. Ex.ª pediu a palavra para me interromper?»

JOÃO

«Não preciso de pedir a palavra para defender o meu país.» (A Céu, impaciente) Então as cotações da pesca?

CÉU

Só tenho aqui as do gás. (Para Luís) «Eu queria fazer uma pergunta a V. Ex.ª. Eu não estou na Igreja, estou na Assembleia Nacional e faço-a: V. Ex.ª acha bem e concorda que se discuta a presença de Portugal no Ultramar?»

LUÍS

«Acho, sim senhor. Não só na Igreja como em qualquer outra parte.»

JOÃO

«... E aqui, nesta terra glorificada pela fidelidade à Igreja, os católicos reunidos numa capela para discutir a justiça, a paz e a guerra são expulsos do templo...»

CÉU

«V. Ex.ª não pode estar nesta Assembleia a criticar a acção militar dos nossos soldados em defesa do Ultramar.» (A parte, a Céu) Tens aí as cotações da pesca?

CÉU

«... E aqui, nesta terra glorificada pela fidelidade à Igreja, os católicos reunidos numa capela para discutir a justiça, a paz e a guerra são expulsos do templo...»

«V. Ex.ª não pode estar nesta Assembleia a criticar a acção militar dos nossos soldados em defesa do Ultramar.» (A parte, a Céu) Tens aí as cotações da pesca?

CÉU

«V. Ex.ª pediu a palavra para me interromper?»

JOÃO

«Não preciso de pedir a palavra para defender o meu país.» (A Céu, impaciente) Então as cotações da pesca?

CÉU

Só tenho aqui as do gás. (Para Luís) «Eu queria fazer uma pergunta a V. Ex.ª. Eu não estou na Igreja, estou na Assembleia Nacional e faço-a: V. Ex.ª acha bem e concorda que se discuta a presença de Portugal no Ultramar?»

LUÍS

«Acho, sim senhor. Não só na Igreja como em qualquer outra parte.»

JOÃO

«... E aqui, nesta terra glorificada pela fidelidade à Igreja, os católicos reunidos numa capela para discutir a justiça, a paz e a guerra são expulsos do templo...»

CÉU

«V. Ex.ª não pode estar nesta Assembleia a criticar a acção militar dos nossos soldados em defesa do Ultramar.» (A parte, a Céu) Tens aí as cotações da pesca?

CÉU

«V. Ex.ª pediu a palavra para me interromper?»

JOÃO

«Não preciso de pedir a palavra para defender o meu país.» (A Céu, impaciente) Então as cotações da pesca?

CÉU

Só tenho aqui as do gás. (Para Luís) «Eu queria fazer uma pergunta a V. Ex.ª. Eu não estou na Igreja, estou na Assembleia Nacional e faço-a: V. Ex.ª acha bem e concorda que se discuta a presença de Portugal no Ultramar?»

LUÍS

«Acho, sim senhor. Não só na Igreja como em qualquer outra parte.»

JOÃO

«... E aqui, nesta terra glorificada pela fidelidade à Igreja, os católicos reunidos numa capela para discutir a justiça, a paz e a guerra são expulsos do templo...»

CÉU

«V. Ex.ª não pode estar nesta Assembleia a criticar a acção militar dos nossos soldados em defesa do Ultramar.» (A parte, a Céu) Tens aí as cotações da pesca?

CÉU

«V. Ex.ª pediu a palavra para me interromper?»

JOÃO

«Não preciso de pedir a palavra para defender o meu país.» (A Céu, impaciente) Então as cotações da pesca?

CÉU

Só tenho aqui as do gás. (Para Luís) «Eu queria fazer uma pergunta a V. Ex.ª. Eu não estou na Igreja, estou na Assembleia Nacional e faço-a: V. Ex.ª acha bem e concorda que se discuta a presença de Portugal no Ultramar?»

LUÍS

«Acho, sim senhor. Não só na Igreja como em qualquer outra parte.»

JOÃO

CÉU  
«Então não preciso de mais nenhuma resposta.  
V. Ex.<sup>a</sup> para mim está politicamente definido, e de  
uma vez para sempre.»

JOÃO  
«Tristemente definido!»

LUÍS  
«Ainda bem, senhor comandante.»

JOÃO  
«Comandante não, almirante.» (A Céu) As cota-  
ções!...

LUÍS  
«Desculpe, senhor almirante. Se me dá licença eu  
vou continuar. Não basta ao Governo privar os fiéis  
de liberdade...»

JOÃO  
«Não apoiado!»

LUÍS  
«Não? É mentira?»

JOÃO  
«Não é mentira, mas não apoiado!»

JOÃO E CÉU  
Não apoiado! Não apoiado! (34)  
(Mudança de luz.)

LUÍS  
O Papa João XXIII, na encíclica «Paz na Terra»,  
disse: «Uma vez que todos os povos já proclamaram  
ou estão para proclamar a sua independência, acon-  
tecerá que brevemente deixará de haver povos do-  
minadores e povos dominados. Hoje, nenhuma comu-  
nidade, qualquer que seja a sua raça, pode estar su-  
jeita ao domínio alheio.»

(Começa um tam-tam, que anuncia a can-  
ção final)

JOÃO  
Às casas, às nossas lavras  
às praias, aos nossos campos  
havemos de voltar

CÉU  
As nossas terras  
vermelhas do café  
brancas do algodão  
verdes dos milharais  
havemos de voltar

(34) Extraído do «Diário das Sessões». O discurso citado foi  
proferido pelo Prof. Miller Guerra, sendo as interrupções e os  
aportes dos deputados Henrique Tenreiro e Casal-Ribeiro.

«Não é mentira! Não é mentira!»

TOVO

«Não é mentira!»

TOVO

«Não é mentira!»

TOVO

de liberdade...

«Não é mentira! Não é mentira! Não é mentira! Não é mentira!»

TOVO

«Não é mentira!»

«Comandante não, comandante» (A Ceu) «A Ceu»

TOVO

«Não é mentira! Não é mentira!»

TOVO

«Não é mentira!»

TOVO

«Não é mentira!»

A Ex. não é mentira! Não é mentira! Não é mentira! Não é mentira!»

TOVO

«Não é mentira! Não é mentira! Não é mentira! Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

TOVO

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

TOVO

«Não é mentira!»

«Comandante não, comandante» (A Ceu) «A Ceu»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

«Não é mentira!»

LUIS

As nossas minas de diamantes  
ouro, cobre, de petróleo  
havemos de voltar

JOÃO

Aos nossos rios, nossos lagos  
às montanhas, às florestas  
havemos de voltar

CEU

A frescura da mulemba  
às nossas tradições  
aos ritmos e às fogueiras  
havemos de voltar

LUIS

A marimba e ao quissangue  
ao nosso carnaval  
havemos de voltar

JOÃO

A bela pátria angolana  
nossa terra, nossa mãe  
havemos de voltar

TODOS

Havemos de voltar  
A Angola libertada  
Angola independente. <sup>(35)</sup>

(Todos cantam «Guiné-Bissau. Angola-Moçambique», de José Mário Branco.)

TODOS

Senhores e senhoras vamos agora cantar  
A Guiné-Bissau, livre e independente

O povo oprimido pega em armas pra lutar  
Na Guiné-Bissau, livre e independente,

Guiado pelo Partido de vitória em vitória  
O sangue dos seus filhos mostra o da História  
Na Guiné-Bissau livre e independente.

Viva o PAIGC e viva Amílcar Cabral  
Da Guiné-Bissau livre e independente.

E viva a FRELIMO e o MPLA  
E a Guiné-Bissau livre e independente.

Angola será livre, Moçambique também  
E a Guiné-Bissau será livre e independente.

<sup>(35)</sup> Texto integral do poema «Havemos de Voltar», de Agostinho Neto.

E o trabalhadores portugueses e africanos  
Irmãos na mesma luta contra os exploradores  
Na Guiné-Bissau, Moçambique e Angola.

E nem mais um embarque, regresso dos soldados  
Da Guiné-Bissau, Moçambique e Angola

Viva a classe operária e o povo trabalhador  
Da Guiné-Bissau, Moçambique e Angola.

Augusto Babel disse: «Todo o proletariado europeu,  
e todos os que fazem ainda no velho continente de  
liberdade, têm os olhos postos em Paris. O grito de  
batalha do proletariado parisiense: «Morte à Miséria  
e ao parasitismo!» é o grito de batalha de todo  
o proletariado»

FIM DA PRIMEIRA PARTE

Viva a Associação Internacional dos Trabalhadores  
e Trabalhadores de todo o Mundo, unidos!

(Bandeiras prestes!)

Quêremos dizer que as mulheres dos soldados de  
Versalhas passam a vida a chorar. Mas as nossas  
não choram, e querem combater até ao fim. A nossa  
bandeira negra significa a miséria e a dor pela morte  
dos nossos companheiros. Cidadãos delegados: não  
queremos reconciliação com o governo de Versa-  
lhas... recusamos que a fraqueza de alguns de vossa...  
de muitos de vossa... Perguntamos: vamos ficar

Inactivos diante de um inimigo que nunca recuou  
perante nenhuma violência?

(ouve-se o ribombar cada vez mais forte de  
um canhão)

Furam fuzilados e deportados milhares de operá-  
rios que tinham realizado a primeira experiência his-  
tórica de exercício do poder pelo povo trabalhador.  
A liberdade foi atingida ao preço de um mar de sangue.

## 2.ª Parte

CANTOR

L'insurgé, son vrai nom c'est L'Homme  
qui n'est plus la bête de somme  
qui n'obéit qu'à la raison  
Et qui marche avec confiance  
car le soleil de la science  
se lève rouge à l'horizon

CORO

Devant toi, misère sauvage  
Devant toi, pesant esclavage  
L'insurgé se dresse  
Le fusil chargé! (36)

(Ruido ambiente de assembleia popular)

(36) Canção de Engène Pottier e H. Ghesquière.

EM DO MUNDO LUTA

De Guebra-guebra, Guebra-guebra e Guebra-guebra  
Uma e outra Guebra e o bolo Guebra-guebra

De Guebra-guebra, Guebra-guebra e Guebra-guebra  
E não mais na Guebra-guebra, Guebra-guebra que Guebra-guebra

De Guebra-guebra, Guebra-guebra e Guebra-guebra  
Juntos de Guebra-guebra e Guebra-guebra  
E o Guebra-guebra Guebra-guebra e Guebra-guebra

LUIS

Cidadãos! Os aristocratas e os burgueses que nos arrastavam para a miséria fugiram para Versalhes. Levaram consigo ouro e armas, e prepararam o ataque à nossa Comuna, à Comuna de Paris. Para isso, venderão a sua Pátria, e irão entregá-la ao invasor alemão, a Bismark. Mas nós não estamos sós na luta contra a opressão. Ontem, no Parlamento Alemão, Augusto Bebel disse: «Todo o proletariado europeu, e todos os que trazem ainda no peito o instinto da liberdade, têm os olhos postos em Paris. O grito de batalha do proletariado parisiense: «Morte à Miséria e ao parasitismo», será o grito de batalha de todo o proletariado europeu».

JOÃO

Viva a Associação Internacional dos Trabalhadores! Trabalhadores de todo o Mundo, uni-vos!

(Bandeiras pretas.)

CEU

Ouvimos dizer que as mulheres dos soldados de Versalhes passam a vida a chorar. Mas as nossas não choram, e querem combater até ao fim. A nossa bandeira negra significa a miséria e a dor pela morte dos nossos companheiros. Cidadãos delegados: não queremos reconciliação com o governo de Versalhes... receamos que a fraqueza de alguns de vocês... de muitos de vocês... Perguntamos: vamos ficar

(a) Guebra-guebra e Guebra-guebra e Guebra-guebra

(b) Guebra-guebra e Guebra-guebra e Guebra-guebra

De Guebra-guebra, Guebra-guebra e Guebra-guebra  
Uma e outra Guebra e o bolo Guebra-guebra

COMO

De Guebra-guebra, Guebra-guebra e Guebra-guebra  
Uma e outra Guebra e o bolo Guebra-guebra

COMO

S. Paulo

inactivos diante de um inimigo que nunca recuou perante nenhuma violência?

(Ouve-se o ribombar cada vez mais forte de um canhão)

LUIS

Foram fuzilados e deportados milhares de operários que tinham realizado a primeira experiência histórica de exercício do poder pelo povo trabalhador. A liberdade foi afogada num mar de sangue.

CEU

Mas a luta continuou. Porque os operários só têm as suas cadeias a perder, e um Mundo Novo a ganhar.

LUIS

E cerca de 50 anos mais tarde, em 1917, numa reunião do Comité Central do Partido Bolchevique, em S. Petersburgo, Lenine dizia:

JOÃO

«Camaradas! Os homens da Comuna perderam porque não atacaram a reacção que se tinha acoitado em Versalhes. Hoje, na Rússia, nós, os comunistas, temos a responsabilidade histórica de atacar o palácio do governo e de entregar o poder ao povo. É a única saída para salvar a nossa Pátria da miséria e da submissão ao imperialismo.»

## LU(S

O camarada Lenine propõe uma aventura insensata que nos custará a invasão militar das potências internacionais, a morte e o extermínio de milhões de trabalhadores. Isto sem falar na abolição imediata de algumas liberdades que já conquistámos.

## CÉU

Camarada Kameney: as massas trabalhadores lutam pela justiça, pela paz, pelo progresso e querem que desapareça da face da Terra o sistema humilhante baseado na exploração do homem pelo homem. As massas trabalhadoras querem a Revolução, querem o socialismo e o comunismo. E elas estão na rua, à espera de uma ordem para avançarem. Nós somos o partido de vanguarda dos operários, dos camponeses e de todo o povo trabalhador. Recuar, hesitar, travar o ímpeto revolucionário das massas, é hoje, entregá-las de mãos atadas ao inimigo e trair a nossa luta.

JOÃO

Passemos à votação.

(Todos votam com braço no ar, à excepção de dois. Música. Bandeiras vermelhas. Canção de J. Mário Branco.)

CANTOR E CORO

Volterro bandejas victorianas

Proletários de armas na mão  
É a hora da libertação.  
Nos campos e nas fábricas  
Do capital as vítimas  
Punho erguido contra a miséria  
Contra a fome e contra a guerra  
Levantam-se a cantar  
A nova geração  
Unida pra lutar  
Contra a exploração.

Camponeses, operários  
Explorados e oprimidos  
Viremos o mundo ao contrário  
Reforcemos o nosso Partido  
Para organizar  
Nossa democracia  
Que será popular  
E contra a burguesia

Sobre o cadáver pútrido  
Da velha sociedade  
Construamos o socialismo  
Semeemos a liberdade  
Sem classes nem ladrões  
Com escolas e pão  
Em frente camaradas  
pela Revolução.

## JOÃO

A Revolução Bolchevique iniciou uma nova era na luta de classes. Por toda a parte as forças democráticas e revolucionárias se uniram, dispostas a acabar com a miséria e a fome. Mas o capitalismo engendrava no seu ventre a besta nazi.

## CÉU

Espanha, 1936.

(Ouve-se a «Jota dos Três Irmãos». Depois, acende-se a luz geral)

LUÍS

A canção que acabaram de ouvir chama-se, em Espanha, jota. É o canto solitário de um homem, nascido ao norte da Espanha. Esta canção exprime o alistamento e a divisão das famílias espanholas durante a Guerra Civil, batalha perdida pela liberdade. Os falangistas, guarda avançada do fascismo espanhol, tinham o seu hino: «Cara al Sol».

(Apaga-se a luz geral da cena e acende-se um reflector sobre o cantor e o coro)

CANTOR E CORO

Cara al sol, com a camisa nova  
Que tu bordaste, companheira,  
Vou sorrindo ao encontro da morte  
E não te volto a ver

Voltarão bandeiras vitoriosas  
 O passo alegre pela paz;  
 E trarão, vermelhas, cinco rosas  
 Do sangue do meu coração.  
 Voltará a rir a primavera  
 Cara al sol, para sempre eu estarei  
 Arriba Espanha, Espanha livre,  
 Viva Espanha, meu amor Espanha.  
*(Volta a luz geral da cena. Luís diz)*

LUIS

Gostaram? Pois é... O fascismo também é capaz de produzir bonitas cantigas... E há quem vá nelas!

JOÃO

Todo o país mergulhou na guerra, e os chefes militares fascistas sentiram-se continuadores de Hernán Cortez que no México, trezentos anos antes, dirigia aos seus soldados estas palavras:

(Apaga-se a luz geral da cena e acende-se  
foco de luz sobre Luís)

LUÍS

Soldados de Espanha! Antes de tudo há que lutar! Mandeí afundar as caravelas para não terdes qualquer veleidade de regresso. Há que lutar com as armas que tendes à mão. E se elas se quebrarem em violento combate, então há que lutar a soco e pontapé. E se vos quebrarem os braços e as pernas,



no chão como um pequeno sapatinho) Mãe confidencia  
 João: "O meu pai é um general fascista" (bate com os pés  
 Esta é a voz de D. Francisco Salazar, ministro

Mãe

de Lisboa, sou dos filhos de Lisboa)  
 com que mundo, os primeiros nos grandes  
 "Luzes" quando: "os primeiros nos grandes  
 (Luzes: um grande e voz do general)

que o mundo de Lisboa)

Companheiros, companheiros, não deixamos

João

João:

meu pai é um general fascista, batia com os pés  
 Conte-se que um general republicano, intera-

Mãe

Este mesmo sapatinho usava-se em 1938

João

Oh, oh, oh...

Mãe

João: A voz do general  
 e a luz das crianças de Lisboa, "Luzes" por  
 aqueles sapatinhos, batia com os pés e tinha um  
 de luzes quando: e batia com os pés e tinha um  
 muito grande, muito grande e muito grande  
 e batia com os pés e tinha um

esquecidos  
 "Luzes" batia com os pés e tinha um  
 de luzes quando: e batia com os pés e tinha um

Mãe

João: A voz do general  
 e a luz das crianças de Lisboa, "Luzes" por  
 aqueles sapatinhos, batia com os pés e tinha um

João

João: A voz do general  
 e a luz das crianças de Lisboa, "Luzes" por  
 aqueles sapatinhos, batia com os pés e tinha um

Mãe

João: A voz do general  
 e a luz das crianças de Lisboa, "Luzes" por  
 aqueles sapatinhos, batia com os pés e tinha um

João

João: A voz do general  
 e a luz das crianças de Lisboa, "Luzes" por  
 aqueles sapatinhos, batia com os pés e tinha um

Mãe

esquecidos  
 "Luzes" batia com os pés e tinha um  
 de luzes quando: e batia com os pés e tinha um

JOÃO

Tudo servia para a propaganda republicana. Num  
 filme cómico da época, aparecia um general fascista  
 que se defrontava com uma dificuldade militar:

(Fazendo a voz de um general fascista)

LUÍS

Este é um problema que qualquer criança de três  
 anos é capaz de resolver. Eu acho... bem... eu... tra-  
 gam-me uma criança de três anos.

Espanhol

CÉU

Canções folclóricas eram utilizadas por ambos os  
 lados. «Marinera», por exemplo, era cantada por fas-  
 cistas e republicanos. A letra é que variava...

CANTOR

No hay quien pueda  
 No hay quien pueda  
 Con la gente  
 Marinera  
 Marinera  
 Lucha ahora  
 Y defiende  
 Su bandera.

(Mudança de luz. Sai a luz geral da cena e  
 os reflectores iluminam João e Céu)

CÉU

Os fascistas semearam o terror por toda a Espa-  
 nha. Rapavam a cabeça das mulheres, puniam as  
 greves com a morte. Mulheres de milicianos tinham  
 os seios arrancados à faca. Prisioneiros eram rega-  
 dos com petróleo e depois queimados.

(O coro cessa de cantar «Marinera» em  
 fundo)

(João afasta-se de Luís e volta-se ao coro)

JOÃO

De todos os mortos, o mais famoso foi o poeta  
 Federico Garcia Lorca, que os fascistas assassinaram.

(Luz sobre Luís, que mima «Os últimos Ins-  
 tantes de Garcia Lorca». Inversão de luz.  
 Foco em Céu)

Senhor, aqui há um homem, Sabela, que sou incapaz  
 de me calar. Há momentos em que salta-me o  
 coração. Desejo começar o discurso — se é possível

CÉU

O filósofo Miguel de Unamuno era Reitor da Uni-  
 versidade de Salamanca quando os falangistas toma-  
 ram a cidade. No Dia da Raça, reuniram-se numa ceri-  
 mónia as mais importantes figuras do poder fascista.  
 E o general Milan Astray, fundador com Franco, da  
 Legião Espanhola, proferiu o seguinte discurso:

(Inversão de luz. O foco que incidia sobre  
 Céu dá lugar a uma luz geral)



Infelizmente, há, em Espanha, neste momento, um número muito grande de aleijados e em breve haverá um número muito maior, se Deus não vier em nosso auxílio. Aflige pensar que um aleijado a quem falta a grandeza de um Cervantes, busque alívio causando mutilações à sua volta.

JOÃO

*(Olhando fixamente Luís e em tom de desafio)*

Abaixo a inteligência! Viva a morte!

CORO

Viva!

JOÃO

Viva a morte!

CORO

Viva!

LUÍS

*(Adiantando-se para João e coro)*

Senhores! Este é o templo da inteligência! Profanais este sagrado recinto. Vencereis porque tendes convosco a força bruta. Mas não convencereis. Por-

que para convencer é necessário possuir o que vos falta: a razão e a justiça. Tenho dito. <sup>(37)</sup>

JOÃO

*(Com ar triunfante)*

Morra a inteligência! Viva a morte!

CORO

Viva a morte!

JOÃO

Viva a morte!

CORO

Viva!

*(Inversão de luz. Luís baixa os ombros, derrotado. A luz favorece agora Céu)*

CÉU

Unamuno foi preso; e morreu dois meses e meio depois.

*(O foco de luz desloca-se de Céu, vai incidir sobre o cantor)*

<sup>(37)</sup> Episódio narrado por Hugh Thomas no 2.º volume do seu livro «A Guerra Civil Espanhola».



Espanha actual de Picasso,  
De Casals, de Lorca, irmão  
Assassinado em Granada!  
Espanha no coração  
De Pablo Neruda, Espanha  
No vosso e no meu coração!  
Espanha da Liberdade:  
A Espanha de Franco, não. (40)

CANTOR

Pueblo de España  
Vuelve a cantar  
Pueblo que canta  
No morirá

Una canción,  
Una canción,  
Llena las calles  
De una ciudad...

JOÃO

*(Enquanto o coro prossegue na canção, apanha um livro e lê)*

Boletim Final da Guerra Civil Espanhola: Comunicado do Supremo Quartel General: «Hoje, depois de aprisionar o Exército Vermelho, as tropas nacio-

(40) «No vosso e em meu coração», poema de Manuel Bandeira, extraído da «Antologia Poética» (fragmento).

nalistas atingiram o seu último objectivo militar. A Guerra acabou. Assinado: Generalíssimo Francisco Franco. Burgos, 1939. Primeiro de Abril».

LUIS

(Com raiva)

Primeiro de Abril. E não era mentira!...

*(E todos os outros, cantando em ritmo mais rápido)*

Pueblo de España  
Vuelve a cantar  
Pueblo que canta  
No morirá

(Escuro)

VOZ

Processo contra um escritor. (41)

## CÉU

Em 1959 o grande romancista Aquilino Ribeiro foi acusado da prática de vários crimes contra a segurança do Estado, porque...

(Acende-se a luz sobre Luís e João)

(41) Sob a forma de diálogo, reproduzem-se passos da acusação deduzida contra Aquilino Ribeiro e da defesa deste no processo motivado pelo seu romance «Quando os Lobos Uivam».

(Lê a acusação)

... depois da última eleição para a Presidência da República, e quando ainda se sentia o efeito da agitação provocada por esse acto eleitoral, publicou o livro *Quando os Lobos Uivam*, rapidamente editado a seu pedido...

LUÍS

(Reagindo)

Rapidamente!...

JOÃO

Não é a sua vez de falar. *(Continua a leitura)*  
Nesse livro, o réu «divulga por escrito afirmações que sabe serem falsas e que fazem perigar o bom nome de Portugal». Que tem o réu a dizer sobre esta acusação?

LUÍS

Apenas isto: «Se os nossos escritores, os nossos jornalistas pudessem ser acusados desse crime sempre que, apreciando a situação do país, referem a realidade e não a imaginam falsamente dourada, bem poucos escapariam».

JOÃO

Não contente com isso, o réu injuria e ofende ainda, gravemente, a honra e consideração devidas a Sua Excelência o Presidente do Conselho de Mi-

nistros, à Pide, corporação que exerce autoridade pública, e em particular aos tribunais Plenários de Lisboa e Porto...

LUÍS

Certas personagens do meu romance são, efectivamente, julgadas no Tribunal Plenário. «O Plenário é um Tribunal dos nossos dias. Eu não podia fazê-las julgar por exemplo por S. Luís, rei de França, debaixo dum carvalho, ou por D. Pedro, o Cru, enquanto à mesa mastigava a perna dum cordeiro, nem tão-pouco pelo Tribunal da Inquisição, que já passou à história» — parece...

JOÃO

Admite que o livro foi escrito com o intuito de desacreditar as instituições vigentes?

LUÍS

Perdão! «Quando o Estado Novo se guindou ao poder, já eu tinha 41 anos, já eu cá estava com as minhas ideias, as minhas convicções arreigadas, as minhas simpatias políticas. Nunca podia dar adesão às suas práticas e à sua ideologia. E não seria lícito que alguém fosse levado a crer que se esperavam lisonjas da minha pena, e não juízos severos. Severos mas honestos.»

JOÃO

É um «juízo honesto» a alusão que faz no prefácio do livro à «desvergonha cívica nacional»?

«Pois não são vergonhosos os proventos da vida literária entre nós? Não é vergonhoso que, aos 74 anos de idade, eu continue tão pobre como era, e que os meus rendimentos não possam sequer comparar-se com os dos administradores de certas empresas ou nem com os desses Delegados do Governo junto da Companhia dos Diamantes, do Banco de Portugal, das Companhias de Pesca ou de navegação?»

JOÃO

Que intuítos o levaram então a falar de «um país que anda descalço»?

LUÍS

«Mas não é verdade que este país é envergonhado pelo pé descalço? Não é verdade que há leis para a repressão do pé descalço? Ou fazem-se leis para a repressão de uma coisa que não existe? Infelizmente, o pé descalço existe. Não é um vício degradante, é uma vergonha nacional, sinal do nosso baixo nível de vida.»

JOÃO

O réu contrapõe, tendenciosamente, o pé descalço à pretensa inexistência de laboratórios científicos entre nós...

112

«Não é verdade sabida por todos, que não temos laboratórios nem investigação condigna do estado actual da técnica e da ciência? E que o melhor escola dos nossos cientistas foi forçado a abandonar os laboratórios e as escolas em que ensinavam, por não serem adeptos das instituições vigentes?»

JOÃO

E não é tendenciosa a referência que faz às vítimas da liberdade?

LUÍS

«Então não é verdade que no exílio, na deportação e nas prisões políticas têm morrido muitos portugueses ilustres, envoltos num silêncio injusto e injustificável? E não é verdade que vivemos, há tanta soma de anos, no fundo de uma cisterna? Pois como lhe há-de chamar o escritor que vê constantemente os seus artigos cortados pela censura? Pobres dos países em que não há oposições!»...

JOÃO

O réu, a coberto da ficção literária, produz afirmações falsas, grosseiramente deformadas, caluniosas, atentatórias da segurança do Estado, como por exemplo a de que «nesta hora, andamos todos com os grilhões nos pulsos»...

113

...e eu sinto-me com grilhões nos pulsos! E não só eu! Muito mais gente também. Que outra coisa poderá dizer um escritor que tem visto os seus livros censurados e proibidos, o homem que conheceu a prisão, o exílio, e que foi demitido arbitrariamente das funções públicas em que servia o seu País? Que menos poderá ele dizer de um regime que mantém a censura à Imprensa e ao livro depois de 30 anos e que suprimiu as liberdades fundamentais?»

JOÃO

(Apagam-se os focos que incidiam sobre os dois actores. Luz geral na cena)

CÉU

(Para a plateia)

JOÃO

Portanto, vocês agora devem rir bastante, que é para parecerem bem livres.

CÉU

(Depois de pausa)

Ah, a situação não está nada boa! Cada vez sobra mais mês no fim do dinheiro.

114

Acho que vou mudar-me para os Estados Unidos.

JOÃO

Estados Unidos? Porquê?

CANTOR

Ó Céu, por falar em Estados Unidos, sabias que lá é crime a mulher revistar os bolsos do marido?

CÉU

Aqui é apenas perda de tempo.

JOÃO

Olha, eu resolvi o meu problema muito simplesmente. Ouvi tanto os técnicos falarem sobre a influência do custo da forragem no aumento do preço da carne, que agora eu resolvi não comer mais carne; como a forragem directamente.

115

LU(S

Vocês já repararam como em cada nota de mil escudos a expressão da D. Maria II está mais preocupada?

*(Entra em cena um dos músicos que estivera ouvindo a conversa)*

MÚSICO

Eu não sei porque é que vocês reclamam tanto. Eu acho que o país está muito melhor.

TODOS

(Perplexos)

Melhor como?!

MÚSICO

Muito melhor do que no ano que vem!

(Escuro. Foco de luz sobre João. No fundo, a gravação de «Deutschland Über Alles»)

JOÃO

Adolfo Hitler: na sua resistível ascensão, o Partido Nazi empolgou toda a Alemanha. Em 1933, Adolfo

116

Hitler tomou o poder. Os que não se submetiam à Nova Ordem eram presos, torturados, ou tinham que se exilar. Entre os exilados, aqueles que «mudaram de país mais vezes que de sapatos», incluía-se o dramaturgo Bertolt Brecht. Eis como ele descreveu a vida na Alemanha de Hitler, numa das cenas da sua peça *Terror e Miséria do III Reich*.<sup>(42)</sup>

*(Luz geral na cena. Céu entra e encontra Luís)*

## CÉU

Onde está Klaus? Klaus! Onde é que se meteu esse rapaz?

LUÍS

Porque é que estás tão nervosa? Só porque o rapaz saiu?

## CÉU

Eu não estou nervosa. Tu é que estás nervoso. Andas tão descontrolado...

LUIS

Estou o que sempre fui, mas o que tem isso a ver com a saída do rapaz?

(42) Versão condensada de «O Denunciante», episódio da peça de Brecht «Terror e Miséria do III Reich» (1937).



disse:  
 "Mas não, ele não sabe se está no campo de concentração  
 e sabe? O filho do Arthur não denunciou o pai."

CÉU

disse:  
 "Ele não sabe nada. Ele sabe o que aconteceu com  
 o pai."

LUIS

"O pai é o pai, não é o filho do pai? O pai é o pai, não é o filho do pai?"

CÉU

"Ah, não, não!"

LUIS

disse:  
 "O pai é o pai, não é o filho do pai? O pai é o pai, não é o filho do pai?"

CÉU

"E sabe? O pai é o pai, não é o filho do pai?"

LUIS

disse:  
 "O pai é o pai, não é o filho do pai? O pai é o pai, não é o filho do pai?"

CÉU

disse:  
 "O pai é o pai, não é o filho do pai? O pai é o pai, não é o filho do pai?"

CÉU

disse:  
 "O pai é o pai, não é o filho do pai? O pai é o pai, não é o filho do pai?"

LUIS

disse:  
 "O pai é o pai, não é o filho do pai? O pai é o pai, não é o filho do pai?"

CÉU

"Mas o pai é o pai, não é o filho do pai?"

LUIS

disse:  
 "O pai é o pai, não é o filho do pai? O pai é o pai, não é o filho do pai?"

CÉU

"O pai é o pai, não é o filho do pai? O pai é o pai, não é o filho do pai?"

LUIS

LUIS

"Eu gostaria de não ter que as dar, mas sei lá o que  
 tu és capaz de dizer por aí do que se fala aqui em  
 casa. Não te estou a acusar de nada e nem acho que  
 o nosso filho seja um denunciante. Mas..."

"Karl, não percas a coragem. Tens que ser forte,  
 como o Führer sempre..."

CÉU

"Acaba lá com isso! Estás a dizer que não se pode  
 viver na Alemanha de Hitler."

"Não posso ficar tranquilo quando..."

LUIS

"Eu não disse isso!"

CÉU

"Estás a falar comigo como se eu fosse da Ges-  
 tapo! O que me apoquentas é que o Klaus possa ter  
 ouvido."

LUIS

"A expressão «Alemanha de Hitler» não está no  
 meu vocabulário."

CÉU

"Essas afirmações só podem provocar confusão na  
 cabeça do pequeno. E o Führer não se cansa de  
 dizer: «O futuro da Alemanha está na sua juventude».  
 E o meu filho não é um denunciante!"

LUIS

"Mas é vingativo."

CÉU

"Mas ainda agora mesmo eu lhe dei meio marco.  
 Eu dou-lhe tudo o que me pede..."

LUIS

"Isso é suborno."

"Como a sopa e o ovo. Um bufo!"

CÉU

"Suborno? Como?"

"Achas que devíamos preparar-nos?"

LUIS

"Se houver qualquer coisa vão dizer que tentámos  
 suborná-lo para ele não dizer nada."

CÉU

"O que é que achas que eles podem fazer con-  
 tra ti?"

LUIS

"Oh, tudo! Não há limite para o que eles possam  
 fazer."

CÉU

"Mas se não há nada contra ti!"

E o meu filho não é um denunciante.  
 diz: «O único da Alemanha está na sua [illegível]»  
 e depois do badenho. E o Lúis não se dá conta de  
 estas situações de poder biológico, confunde-se

CÉU

meu filho não é

A expressão «Hitler» não está no

LÚIS

obito

está a dizer-me que não é um denunciante, mas o Lúis não se dá conta de  
 estas situações de poder biológico, confunde-se

CÉU

Eu não disse isso

LÚIS

Hitler na Alemanha de Hitler

Agora já com isso, está a dizer-me que não é um denunciante, mas o Lúis não se dá conta de

CÉU

O nosso filho não é um denunciante, mas o Lúis não se dá conta de  
 estas situações de poder biológico, confunde-se

LÚIS

meu filho não é um denunciante

CÉU

está

Quero dizer-lhe que não é um denunciante, mas o Lúis não se dá conta de

LÚIS

meu filho

O meu filho não é um denunciante, mas o Lúis não se dá conta de

CÉU

está a dizer-me que não é um denunciante, mas o Lúis não se dá conta de

estas situações de poder biológico, confunde-se

LÚIS

Quero dizer-lhe

CÉU

está a dizer-me

LÚIS

Eu não disse isso

Quero dizer-lhe que não é um denunciante, mas o Lúis não se dá conta de

CÉU

está a dizer-me

LÚIS

LÚIS

Há sempre alguma coisa contra toda a gente.

CÉU

Karl, não percas a coragem. Tens que ser forte,  
 como o Führer sempre...

LÚIS

Não posso ficar tranquilo quando...

(Um toque de telefone. Eles abraçam-se,  
 aterrorizados e ficam olhando para o local  
 de onde veio o som. Dois toques; três. Céu  
 faz um movimento)

CÉU

Atendo?

LÚIS

Não sei. Espera.

(Eles aguardam. Um quarto toque)

LÚIS

Se tocar outra vez a gente atende.

(Pausa. Silêncio. Depois de um tempo, Luís  
 fala)

LÚIS

Isto não é vida.

CÉU

Karl...

LÚIS

Tu pariste-me um Judas. Senta-se à mesa e ouve.  
 Come a sopa e ouve. Um bufo!

CÉU

Achas que devemos preparar-nos?

LÚIS

Pensas que eles vêm agora?

CÉU

Tudo é possível.

LÚIS

Ponho a cruz de ferro?

CÉU

Claro, claro. E pomos o retrato de Hitler em cima  
 da mesinha, não é melhor?

(ele)

(Pausa. Silêncio. Debois de um tempo. Luis  
de uma outra vez a dentro grande)

Luis

(Eles olham-se um pouco (dois))

Não sei, talvez

Luis

Luis

Céu

(Um um momento)

de onde veio o som? Dois homens: Luis. Céu  
atenciosos e ficam olhando para o rosto  
(Um) (dois) de repente. Eles apertam-se

Não posso mais, perdendo tempo...

Luis

como o Edgar sempre

Karl, não beicas e corações. Teus dois são (dois)

Céu

Não sei, talvez coisas coram (dois) e dentro

Luis

de repente, um e depois

Céu, Céu. E depois o tempo de Luis em Céu

Céu

Luis e Céu de repente

Luis

Luis e Céu

Céu

Luis e Céu de repente

Luis

Luis e Céu de repente

Céu

Como a coisa e outra, um pouco

In (dois) de repente, Luis e Céu de repente

Luis

Karl

Céu

Luis e Céu

Luis

LUIS

Pois.

(Céu começa a executar a acção quando  
Luis a interrompe)

Espera! E se o pequeno disser que o retrato não  
estava aí antes, é uma agravante. Pode ser interpre-  
tado como consciência de culpa? (Um ruído) Que  
barulho foi este? A porta?

CÉU

Não ouvi nada. (Agora um ruído bem nítido)

LUIS

Ouviste?

CÉU

(Aterrada, abraçando-o)

Karl!

LUIS

Não vamos perder a cabeça. Calma.

(Céu sai. Luis fica sozinho no centro do  
palco, aguardando. Ouve-se a voz de Céu)

CÉU

Onde é que foste?! Responde, Klaus!

(Uma pausa. Ela muda nitidamente de tom  
e depois pergunta de novo, com a voz me-  
lífica)

Onde é que andaste até agora, meu filhinho que-  
rido?

(Uma pausa. Ela volta e aos poucos vai re-  
cobrando uma expressão de tranquilidade e  
alívio. Fala)

CÉU

Ele disse... que foi comprar chocolates.

(Eles olham-se e começam a sorrir. Correm  
um para o outro e abraçam-se, aliviados.  
Mas então a expressão dos dois começa  
novamente a mudar e Luis, afastando-se de  
Céu, pergunta)

LUIS

Será verdade?

(Escuro. Ainda no escuro, ouve-se bem  
forte a gravação de «Die Fahne Hoch». Em  
seguida acende-se um foco de luz sobre  
João)

branco' abraçando' Ome-se a voz de Cén)  
(Cén vai' (neste momento no campo de  
meu irmão beijos e abraços Cén)

Cén

(Cén)

(Vozes de abraço-o)

Cén

Ome-se

Cén

meu irmão beijos (Vozes de abraço-o)

Cén

meu irmão beijos A voz de

meu irmão beijos (Vozes de abraço-o) Ome-se  
meu irmão beijos (Vozes de abraço-o) Ome-se  
meu irmão beijos (Vozes de abraço-o) Ome-se

(Vozes de abraço-o)

(Cén abraça e exclama a voz de

Cén

Cén

(Vozes)

meu irmão beijos (Vozes de abraço-o) Ome-se  
meu irmão beijos (Vozes de abraço-o) Ome-se  
meu irmão beijos (Vozes de abraço-o) Ome-se

meu irmão beijos

Cén

(Cén abraça)

meu irmão beijos (Vozes de abraço-o) Ome-se  
meu irmão beijos (Vozes de abraço-o) Ome-se  
meu irmão beijos (Vozes de abraço-o) Ome-se

meu irmão beijos (Vozes de abraço-o)

Cén

(Vozes)

meu irmão beijos (Vozes de abraço-o) Ome-se  
meu irmão beijos (Vozes de abraço-o) Ome-se  
meu irmão beijos (Vozes de abraço-o) Ome-se

meu irmão beijos

meu irmão beijos (Vozes de abraço-o)

(Vozes)

meu irmão beijos (Vozes de abraço-o) Ome-se  
meu irmão beijos (Vozes de abraço-o) Ome-se  
meu irmão beijos (Vozes de abraço-o) Ome-se

meu irmão beijos (Vozes de abraço-o)

Cén

## JOÃO

Para afirmar o seu poder e assegurar mundialmente a superioridade da raça ariana, executando assim a «missão divina» de que se dizia investido, Adolfo Hitler não recuou diante de coisa nenhuma: suprimiu brutalmente as liberdades individuais, instaurou um regime de terror e de trabalhos forçados, deportou milhões de homens, mulheres e crianças para campos de concentração onde foram assassinados, perseguiu e exterminou milhões de judeus...

## CÉU

Só na noite de 9 de Novembro de 1938 foram destruídas e incendiadas em Berlim 815 lojas comerciais, 195 sinagogas, 171 casas de habitação e foram presos 20 000 judeus.

## JOÃO

O número total de judeus assassinados por ordem de Hitler eleva-se a cinco milhões e setecentos mil.

## CÉU

Mas, para cumprir a sua missão superior, estes mortos não bastavam ao chanceler do Reich: a Alemanha necessitava de «espaço vital».

## JOÃO

«A natureza não reservou a posse do solo a uma nação ou a uma raça qualquer; pelo contrário, a terra

deverá pertencer ao povo que tiver a força de a conquistar. Esse povo privilegiado é o povo alemão. Só um espaço suficientemente vasto pode assegurar à nação alemã a sua liberdade de existência. Sem se embarçar de tradições ou preconceitos, o povo alemão deverá marchar pela estrada que o conduz à posse de novas terras. E se os actuais possuidores dessas terras se opuserem, então funcionará a lei da concorrência vital: o que não puder conseguir-se por métodos pacíficos, conseguir-se-á pela força!».<sup>(43)</sup>

(Foco sobre Luís)

## LUÍS

Meu irmão era aviador  
Deram-lhe um dia uma ordem.  
Fez as malas e partiu  
Em direcção ao sul.

Meu irmão era um conquistador.  
O nosso povo precisa  
De espaço. E conquistar terras  
É pra nós um velho sonho.

O espaço que o meu irmão  
Conquistou, na Serra do Guadarrama,  
Mede um metro e oitenta de largo  
Por metro e meio de fundo.<sup>(44)</sup>

(43) Extraído de «Mein Kampf».

(44) Poema de Bertolt Brecht.





(c) «Cantor que canta», João de Deus e o coro

Escalado o teu nome  
 Leque de vento bebo o vento  
 Em toques de beijos de beijos  
 Em toques de beijos de beijos

Coro

Escalado o teu nome  
 (Inversão do foco de luz de João e do coro)  
 Nos cabelos... (c)  
 Ousado ao sol e prateado  
 Cantar, cantar, cantar  
 Os beijos de  
 Ousado ao sol e prateado  
 Cantar, cantar, cantar

Coro o cantor  
 (O coro escalado o teu nome)  
 E cantando  
 Um canto ao sol e prateado  
 Cantar, cantar, cantar

Escalado o teu nome  
 Cantar, cantar, cantar  
 Ousado ao sol e prateado  
 Cantar, cantar, cantar  
 Um canto ao sol e prateado  
 Cantar, cantar, cantar

Escalado o teu nome

(c) Cantor que canta (Inversão do foco de luz de João e do coro)

Escalado o teu nome  
 Leque de vento bebo o vento  
 Em toques de beijos de beijos  
 Em toques de beijos de beijos

Coro

Escalado o teu nome  
 (Inversão do foco de luz de João e do coro)  
 Nos cabelos... (c)  
 Ousado ao sol e prateado  
 Cantar, cantar, cantar  
 Os beijos de  
 Ousado ao sol e prateado  
 Cantar, cantar, cantar

Coro

Escalado o teu nome  
 Cantar, cantar, cantar  
 Ousado ao sol e prateado  
 Cantar, cantar, cantar  
 Um canto ao sol e prateado  
 Cantar, cantar, cantar  
 Escalado o teu nome  
 Cantar, cantar, cantar  
 Ousado ao sol e prateado  
 Cantar, cantar, cantar  
 Um canto ao sol e prateado  
 Cantar, cantar, cantar

Sobre esta página escrevo  
 O teu nome de muitos nomes feito  
 água e fogo lenha vento  
 primavera pátria exílio.

Esta chama ateadada no meu peito  
 por quem morro por quem vivo  
 este nome rosa e cardo  
 por quem livre sou cativo.

Sobre esta página escrevo  
 o teu nome: Liberdade.<sup>(49)</sup>

(Escuro. No escuro, ouve-se a voz do cantor acompanhada pelo coro, cantando novamente, num ritmo mais entusiasta:)

CANTOR E CORO

Vertei, camaradas,  
 Vosso sangue sobre o chão  
 Da primavera!  
 Cantai, companheiros,  
 Que ao sol a liberdade  
 Nos espera!

(O foco de luz acende-se sobre cantor e coro, que executam a última frase musical)

<sup>(49)</sup> «Liberdade», poema de Manuel Alegre (extraído de «Praça da Canção», 1956).

CANTOR E CORO

Oh oh oh oh oh oh oh oh...

(Inversão do foco de luz de cantor e coro para João)

JOÃO

No começo de 1941, um único obstáculo se interpunha entre Hitler e seu sonho de domínio europeu: o povo inglês e Winston Churchill.

(Inversão do foco de luz de João para Luís. Um forte rufo de tambor. Luís faz uma pausa e diz)

LUÍS

(Só um rufo de tambor ao fundo)

«Se Hitler invadissem o Inferno eu apoiaria o demónio. Façamos o nosso dever, certos de que, se o nosso país existir por mais mil anos, os homens dirão ainda: — «Aquele foi o momento mais belo da sua história. Nunca tantos deveram tanto a tão poucos. Por ora, só posso oferecer-vos sangue, suor e lágrimas, mas iremos até ao fim. Lutaremos em França, lutaremos nas praias, nas colinas, nas montanhas, nos campos e nas ruas: nunca nos rendemos!»<sup>(50)</sup>



da Alemanha de Hitler. O inimigo prossegue o avanço e lança novas forças na frente. Uma séria ameaça pesa sobre o nosso país. Esta guerra foi-nos imposta e o nosso país deve travar uma luta de morte... Ao lado do Exército Vermelho, todo o povo se ergue para defender o nosso país. Não há lugar nas nossas fileiras para os choramingas, para os cobardes, para os desertores e semeadores de pânico. É sem medo e com um desinteresse total que o nosso povo deve travar a guerra de libertação contra os escravagistas fascistas... Todos devem bater-se até à última gota de sangue. Tudo o que pode ser utilizável: trigo, petróleo, metais, que não possa ser evacuado, deve ser destruído. Toda a potência do nosso povo deve ser utilizada para esmagar o inimigo. Avante, para a vitória!»

LUIS

Stalingrado...

Depois de Madrid e de Londres, ainda há grandes [cidades!

O mundo não acabou, pois que entre as ruínas outros homens surgem, a face negra de pó e de pólvora,

e o hálito selvagem da liberdade dilata os seus peitos, Stalingrado, seus peitos que estalam e caem enquanto outros, vingadores, se elevam.

A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais. Os telegramas de Moscovo repetem Homero. Mas Homero é velho. Os telegramas cantam um [mundo novo que nós, na escuridão, ignorávamos.

Fomos encontrá-lo em ti, cidade destruída, na paz de tuas ruas mortas mas não conformadas, no teu arquejo de vida mais forte que o estouro das [bombas, na tua fria vontade de resistir.

Saber que resistes. Que enquanto dormimos, comemos e trabalhamos, [resistes.

Que quando abrimos o jornal pela manhã teu nome [(em ouro oculto) estará firme no alto da página. Terás custado milhares de homens, tanques e aviões, [mas valeu a pena.

Saber que vigias, Stalingrado, sobre nossas cabeças, nossas prevenções e nossos [confusos pensamentos distantes dá um enorme alento à alma desesperada e ao coração que duvida.

Stalingrado, miserável monte de escombros, entre- [tanto resplandecente! As belas cidades do mundo contemplam-te em pasmo [e silêncio.

Débeis em face do teu pavoroso poder,  
mesquinhas no seu esplendor de mármore salvos e  
[rios não profanados,  
as pobres e prudentes cidades, outrora gloriosas,  
[entregues sem luta,  
aprendem contigo o gesto de fogo.  
Também elas podem esperar.  
Stalingrado, quantas esperanças!  
Que flores, que cristais e músicas o teu nome nos  
[derrama!  
Que felicidade brota de tuas casas!  
De umas apenas resta a escada cheia de corpos;  
de outras, o cano de gás, a torneira, uma bacia de  
[criança.  
Não há mais livros para ler nem teatros funcionando  
[nem trabalho nas fábricas,  
todos morreram, estropiaram-se, os últimos defendem  
[pedaços negros de parede,  
mas a vida em ti é prodigiosa e pulula como insectos  
[ao sol,  
ó minha louca Stalingrado!

A tamanha distância procuro, indago, cheiro os des-  
[troços sangrentos,  
apalpo as formas dismanteladas do teu corpo,  
caminho solitariamente em tuas ruas onde há mãos  
[soltas e relógios partidos,  
sinto-te como uma criatura humana, e que és tu,  
[Stalingrado, senão isto?

Uma criatura que não quer morrer e combate,  
contra o céu, a água, o metal a criatura combate,  
contra milhões de braços e engenhos mecânicos a  
[criatura combate,  
contra o frio, a fome, a noite, contra a morte a cria-  
[tura combate,

e vence.  
As cidades podem vencer, Stalingrado!  
Penso na vitória das cidades, que por enquanto é  
[apenas uma fumaça subindo do Volga.  
Penso no colar de cidades, que se amarão e se  
[defenderão contra tudo.  
Em teu chão calcinado onde apodrecem cadáveres,  
a grande Cidade de amanhã erguerá a sua Ordem. (51)

JOÃO

Novas esperanças desabrocharam. Seguindo o curso irresistível da História, muitos povos se libertaram, novos mundos começaram a ser construídos.

## CÉU

A Ásia, a África e a América Latina acordaram para a luta pela Liberdade, expulsando o imperialismo.

LUÍS

China, Coreia, Argélia,

(51) «Carta a Stalingrado», de Carlos Drumond de Andrade (extraído de «A Rosa do Povo», 1945).

[gritando] "seu pai!"  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 [seus e irmãos batendo]  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê

[todos se batendo]  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê

[seu pai]  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 [batendo e batendo]  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê

[seu pai]  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê

[seu pai]  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê

[seu pai]  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê

[seu pai] "seu pai" como uma criança pequena e não se vê

[seu pai] "seu pai" como uma criança pequena e não se vê

[seu pai] "seu pai" como uma criança pequena e não se vê

[seu pai]

[seu pai] "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê

[seu pai]

[seu pai] "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê

[seu pai]

[seu pai] "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê

[seu pai] "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê

[seu pai] "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê  
 "seu pai" como uma criança pequena e não se vê

JOÃO

Cuba, Quênia, Congo,

CÉU

Vietnam, Laos, Cambodja.

LUIS

Novos passos em frente para a Revolução Mundial.

JOÃO

Os países querem a independência, as nações querem a libertação, os povos querem a Revolução.

CÉU

Sim, a tendência principal é para a Revolução. Mas a reacção tem força e aproveita-se dos nossos erros. Há muito pouco tempo, na América do Sul...

(Canção de Victor Jara. Som de multidão gritando «Vitória! Vitória! Unidade popular!»  
 Compõe-se um quadro representativo de uma reunião de família burguesa. Ouve-se um discurso de Allende através da rádio)

VOZ OFF

É com emoção que vos saúdo, povo do Chile. Ao fim de uma luta tenaz, difícil e esforçada de dezenas de anos temos a suprema alegria de ver a democracia pisar o nosso solo pátrio. Vamos construir um país novo, na ordem, na dignidade, no respeito pelas leis e pela nossa Constituição...

CÉU

Vamos embora, Hernando! Levemos o ouro e o dinheiro antes que nos roubem! Vamos para longe daqui, para o Rio ou para Madrid, para um sítio qualquer onde esses comunistas não nos possam apanhar.

JOÃO

Há manifestações na rua de milhares de pessoas a gritar: Liberdade! Liberdade! Morte à polícia! Morra o capitalismo! Temos de fugir, papá!

LUIS

A nossa família já teve muitos problemas, como vocês sabem. Já fomos chamados a tribunal por questões incómodas, bastante incómodas, como foram o caso da pseudo-falência do tio, das histórias com menores em que tu e os primos andaram metidos, etc., etc. E sempre nos saímos airoso, não é verdade? Ora bem. Esta história é mais complicada, mas temos de ter calma e ver o que se pode fazer para ganharmos a batalha daqui a uns tempos.

JOÃO

Mas eles vão matar-nos hoje ou amanhã!

CÉU

Ai não! Não posso mais, não posso mais! Estou com uma crise de nervos que nem imaginas!

LUIS

O Governo não nos vai mandar matar nem prender. No entanto, estou de acordo em que devemos ir para um sítio seguro, não venha por aí a populaça...

## CÉU

Vamos já, vamos já! De que é que estás à espera? Vou buscar as minhas jóias, não haja por aí algum maltrapilho que as veja.

LUIS

Calma, calma. Temos de pensar bem no que vamos fazer. Para começar, Pablo, vai à Embaixada dos Estados Unidos e diz que eu quero falar com o Embaixador.

## CÉU

Esqueci-me de te dizer. O Embaixador telefonou há bocado, queria falar contigo o mais depressa possível. Para tu passares lá por casa...

JOÃO

O Sr. Almirante Gonzalez e o general Marquez também vieram à procura do papá.

LU(S

Bom, estou a ver que isto se vai arranjar. Ora vamos lá a ver. Com estes milhões de pobres diabos

a gritar Liberdade! Liberdade! e a querer o comunismo, temos de ter paciência, não nos mostrarmos muito e esperar o melhor momento para atacar.

CÉU

Ai que esse dia venha depressa! Esses bandidos, esse Allende...

(Canção de Victor Jara sobre Allende. Reunião do povo. Os três actores representam agora três operários ou camponeses)

JOÃO

Companheiros! Chegou a nossa hora. Com Allende vamos acabar com a fome e com a nossa miséria. O Chile é um país rico. Tem as minas de cobre e muitas outras riquezas.

CÉU

Nos campos, proprietários fogem com medo. Os índios aderiram à nossa causa e começam a ocupar as terras.

LUÍS

Calma, calma. Não podemos ir depressa, senão assustamos a burguesia. O povo está unido. Os fascistas começam a perder a força.

CÉU

**E o Exército?** *se ver que ainda temos tempo*

... e a lei. Com estes amigos de borges que  
com' estão a lei que não se vai mudar. O

... e a lei.

... e a lei. Com estes amigos de borges que  
com' estão a lei que não se vai mudar. O

... e a lei.

... e a lei. Com estes amigos de borges que  
com' estão a lei que não se vai mudar. O

... e a lei.

... e a lei. Com estes amigos de borges que  
com' estão a lei que não se vai mudar. O

... e a lei.

... e a lei. Com estes amigos de borges que  
com' estão a lei que não se vai mudar. O

... e a lei.

... e a lei. Com estes amigos de borges que  
com' estão a lei que não se vai mudar. O

... e a lei.

E o Exército

... e a lei.

... e a lei. Com estes amigos de borges que  
com' estão a lei que não se vai mudar. O

... e a lei.

... e a lei. Com estes amigos de borges que  
com' estão a lei que não se vai mudar. O

... e a lei.

... e a lei. Com estes amigos de borges que  
com' estão a lei que não se vai mudar. O

... e a lei.

... e a lei. Com estes amigos de borges que  
com' estão a lei que não se vai mudar. O

... e a lei.

... e a lei. Com estes amigos de borges que  
com' estão a lei que não se vai mudar. O

... e a lei.

... e a lei. Com estes amigos de borges que  
com' estão a lei que não se vai mudar. O

... e a lei.

JOÃO

O Exército vai defender a lei e a Constituição.  
Camaradas, ganhámos a primeira batalha, lutemos  
agora por consolidá-la.

CÉU

Se queremos construir um novo Chile, precisa-  
mos de outras leis e de uma Constituição diferente.  
E para alcançar isso, o povo precisa de mostrar que  
tem força.

LUIS

Camarada, tem paciência e confia no teu Governo.  
Tudo se irá resolver.

TODOS

Viva a Liberdade! Viva a Democracia! Viva o  
Chile!

(Regresso à cena de família)

LUIS

Também convém que nos mostremos como gente  
que quer o progresso, que até critica erros e injusti-  
ças do passado. Olha, tu (para João), inscreve-te aí,  
num partido de esquerda. Num desses que estão  
agora no governo. Assim os nossos inimigos deixam  
de ter o olho em cima da gente, e além disso, sem-  
pre trazes informações...

JOÃO

Oh papá! Mas ninguém me aceita. Eles sabem  
muito bem quem eu sou...

LUIS

Aceitam, sim. Eles são uns idealistas, e a maioria  
tem tanto medo da Revolução como nós. Quando a  
crise económica começar a rebentar, vais ver como  
começam a perder as belas ideias!

CÉU

Crise económica... crise económica... Mas como  
é que sabes que vai haver?

LUIS

Muito simples. Eu e os meus colegas deixamos  
de investir e colocamos o nosso dinheiro a salvo na  
Suíça. À espera de melhores dias. Combinamos com  
os outros países para eles não comprarem mais nada  
ao Chile. Os preços aumentam, não há dinheiro, os  
trabalhadores vão começar a fazer greve. Nós apro-  
veitamos isso, dizendo que eles estão a lançar o país  
no caos económico. Até podemos organizar uma ou  
outra greve, para provocar mais confusão e isolar os  
revolucionários. Mas não faz mal nenhum que se  
venha a saber que isso tinha sido organizado por nós.  
Até convém, para se ver que ainda temos força.

que papá! Isso é que é táctica... inteligente! Mas eles é que têm a força, as armas...

LUIS

(SOM DE METRALHADORAS, CANHÕES, GRITOS. EM CIMA DESTES SOMS, LIGANDO-SE A ELAS, VEM A CANÇÃO ALUSIVA AOS MASSACRES E TORTURAS DE VICTOR JARA)

CEU

Ai, Deus te oiça!...

CEU

Estamos a chegar ao fim do nosso espectáculo.

Quisemos provar que na luta pela liberdade o povo não recua diante de nenhum sacrifício.

CEU

Sim, parece que o Exército está cheio de comunistas e de democratas.

Mas ainda há lá muita gente séria e de grande confiança nossa. Se lhes dermos apoio e dinheiro, tenho a certeza que não esquecerão o seu passado de combatentes anticomunistas...

CEU

Oh papá! Isso é que é táctica... inteligente! Mas eles é que têm a força, as armas...

Sim, parece que o Exército está cheio de comunistas e de democratas. Mas ainda há lá muita gente séria e de grande confiança nossa. Se lhes dermos apoio e dinheiro, tenho a certeza que não esquecerão o seu passado de combatentes anticomunistas...

CEU

Assim como os opressores não recuam diante de nenhum crime para manter a injustiça e a desigualdade social.

LUIS

A nossa homenagem ao escravo Spartacus.

A nossa homenagem ao homem do povo da Revolução Francesa, aos mártires da Comuna de Paris, aos heróis da Revolução de Outubro, aos gloriosos defensores de Stalingrado.

CEU

A nossa homenagem à Revolução Chinesa, aos mineiros das Astúrias, aos guerrilheiros de Angola, Guiné e Moçambique.

A nossa homenagem aos milhões de homens que têm lutado, combatido e morrido pela igualdade entre os homens e pelo fim da exploração e da opressão.

CEU

Estamos a chegar ao fim do nosso espectáculo.

Quisemos provar que na luta pela liberdade o povo não recua diante de nenhum sacrifício.

CEU

(Acordes musicais que anunciam a canção final)

CEU

Assim como os opressores não recuam diante de nenhum crime para manter a injustiça e a desigualdade social.

LUIS

A nossa homenagem ao escravo Spartacus.

CEU

A nossa homenagem ao homem do povo da Revolução Francesa, aos mártires da Comuna de Paris, aos heróis da Revolução de Outubro, aos gloriosos defensores de Stalingrado.

CEU

A nossa homenagem à Revolução Chinesa, aos mineiros das Astúrias, aos guerrilheiros de Angola, Guiné e Moçambique.

LUIS

A nossa homenagem aos milhões de homens que têm lutado, combatido e morrido pela igualdade entre os homens e pelo fim da exploração e da opressão.

nao leste q'ante do ueniam sacrificio  
Quisamos b'aral, que na nra beio p'p'arado o bolo  
Estamos a c'p'ar, ao nra do nosso sacrificio

CÉU

homens de v'ic'os (e'is)  
nem a cauda q'ante os m'as'as e  
em q'ua q'ante 'os' p'p'arado e q'is  
(som de m'as'as) cauda' q'is

Al' q'ua se q'is

CÉU

Hoje que temos mais luz que a noite  
comunista nro de b'aral com a luz... H' q' se a nra  
luz q'is e com q'is, q'is b'aral, q'is m'as'as

TUS

E' q'ua se q'is, nro q'is

CÉU

o nro b'aral do comp'arado m'as'as...  
q'is e q'is, nro e cauda nro nro b'aral  
q'is e q'is q'is nro e q'is q'is  
q'is e q'is q'is nro e q'is q'is

TUS

q'is e q'is nro e q'is...  
q'is e q'is nro e q'is...  
q'is e q'is nro e q'is...

TUS

os homens e hoje nra de q'is e q'is  
nra nro e q'is e q'is nro e q'is  
A nro m'as'as e q'is nro e q'is

TUS

q'is e q'is nro e q'is  
q'is e q'is nro e q'is nro e q'is  
A nro m'as'as e q'is nro e q'is

TUS

q'is e q'is nro e q'is  
q'is e q'is nro e q'is nro e q'is  
A nro m'as'as e q'is nro e q'is

CÉU

A nro m'as'as e q'is nro e q'is

TUS

q'is e q'is nro e q'is  
q'is e q'is nro e q'is nro e q'is  
A nro m'as'as e q'is nro e q'is

TUS

(q'is e q'is nro e q'is...  
q'is e q'is nro e q'is...)

CÉU

A nossa homenagem aos milhares de homens e  
mulheres portugueses que lutaram durante dezenas  
de anos contra o odioso e criminoso regime fascista  
de Salazar e de Caetano.

JOÃO

Hoje, temos no nosso país um raio de luz que  
anuncia a liberdade. Que anuncia a chegada à paz e  
ao progresso.

LUIS

Mas a batalha ainda não está ganha. Provámos  
que, historicamente, o inimigo sabe esperar e não  
recua diante de nenhum crime para voltar a impor  
a desigualdade, o privilégio, a exploração.

CÉU

Dizemos isto para que nenhum de nós se distraia,  
para que nenhum de nós esmoreça diante da batalha  
que continua.

JOÃO

E que terminará pela nossa vitória definitiva.

LUIS

Queiram ou não queiram as forças da reacção  
nacional ou internacional.

OS TRÊS

A luta continua e nós não estamos dispostos a  
perder.

(Canção final de José Mário Branco)

TODOS

Com a história na mão  
E sem ter medo de nada  
Classe trabalhadora forte e organizada  
Liberdade não cresce sem ser semeada  
Avança de cabeça levantada

Liberdade, liberdade,  
Quem a tem chama-lhe sua  
A do povo já não tarda  
Porque a luta continua  
E de cabeça levantada

Contra os capitalistas de casaca virada  
Contra as falinhas mansas que não nos dizem nada  
Classe trabalhadora forte e emancipada

Liberdade, liberdade  
Quem a tem chama-lhe sua  
A do povo já não tarda  
Porque a luta continua  
E de cabeça levantada

FIM



